

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DÉBORA PINTO SARTORI

**O ACOLHIMENTO DOS EDUCANDOS COMO PRINCÍPIO POLÍTICO
PEDAGÓGICO DA EJA**

Porto Alegre

2022

Débora Pinto Sartori

**O ACOLHIMENTO DOS EDUCANDOS COMO PRINCÍPIO POLÍTICO
PEDAGÓGICO DA EJA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Cláudia Ferreira Godinho

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões

Vice-Reitora: Profa. Dra. Patrícia Pranke

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Liliane Ferrari Giordani

Vice-Diretora: Profa. Dra. Aline Cunha

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Coordenador: Prof. Dr. Evandro Alves

Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Simone Bicca Charczuk

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sartori, Débora Pinto

O acolhimento dos educandos como princípio político pedagógico da EJA / Débora Pinto Sartori. 2022.

55 f.

Orientadora: Ana Cláudia Ferreira Godinho.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Licenciatura em Pedagogia, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Acolhimento. 2. Educação de Jovens e Adultos. 3. Relação educador-educando. I. Godinho, Ana Cláudia Ferreira, orient. II. Título.

Catalogação elaborada por Francine Conde Cabral CRB-10/2606

Faculdade de Educação (FACED)

Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia

Av. Paulo Gama, s/nº. – Campus Centro. – Porto Alegre, RS. CEP: 90046-900.

Telefone: (51) 3308-4159 – E-mail: comgradedu@ufrgs.br

A quem acreditou quando eu ainda não acreditava – Erico.

E aos educandos e educadores da EJA que continuam acreditando na educação.

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo e melhor amigo Erico: por ser o meu parceiro de vida! Agradeço pelo apoio nos momentos mais difíceis, por ter entendido minhas ausências durante o processo de terminar a graduação, por ter sempre acreditado que eu sou capaz me encorajando a seguir em frente e por ser a calma no meio do caos.

À minha família por ser minha fonte de amor, alegria e segurança: com vocês sempre me sinto em casa.

Aos colegas de trabalho da E.M.E.F. José Loureiro da Silva que me apoiaram nessa caminhada: agradeço pelos aprendizados e pelo carinho. Agradeço, em especial, às professoras Thais Perli e Adriana Schneider que sempre me acolheram, me ensinaram e me incentivaram a terminar essa etapa da graduação!

Aos educandos e educadores que encontrei durante meu estágio, pelo acolhimento e pelos aprendizados construídos juntos. Sempre lembrarei com carinho desse tempo e das vivências compartilhadas.

À UFRGS por ter me proporcionado uma educação pública, gratuita e de qualidade durante minha graduação e aos professores que fizeram parte da minha caminhada e contribuíram para minha formação docente. Agradeço também às colegas de graduação que foram parceiras nesse percurso: Bárbara Bohn, Bianca Monteiro e Camila Antunes.

Todos aqui mencionados auxiliaram, de alguma forma, na construção deste trabalho: serei sempre grata!

RESUMO

O presente trabalho tem seu foco no acolhimento dos educandos na Educação de Jovens e Adultos como princípio político pedagógico da modalidade e como potencial instrumento de proporcionar uma educação de qualidade e significativa. O acolhimento dos educandos quando na EJA se faz imprescindível para pensar uma educação de qualidade nessa modalidade, pois quando são colocadas em perspectiva as vivências anteriores dessas pessoas, tanto em relação à sociedade - na qual tiveram que carregar o peso e o estigma de não terem uma escolaridade completa e não possuírem, muitas vezes, o conhecimento da leitura e da escrita em uma sociedade letrada - quanto em relação à escola - que em muitos casos “convidou” esses sujeitos a se retirarem do meio escolar - temos subjetividades machucadas e marcadas pela falta de acolhimento. Entendendo as peculiaridades que caracterizam o grupo de educandos da EJA podemos entender a importância do acolhimento para a qualidade e sucesso da modalidade. A partir de levantamento de trabalhos relacionados, foi possível identificar diferentes aspectos que compõem o ato de acolhê-los em ambiente educacional: vínculo, dialogicidade, valorização de saberes e projetos de vida e a autonomia e autoria dos educandos no seu processo de aprendizagem. Esta pesquisa tem como objetivo responder à questão “Como o acolhimento dos educandos da EJA pode estar presente no trabalho da instituição escolar?”. Através de um levantamento bibliográfico e análise de trabalhos relacionados à temática e de coleta e produção de dados feita da observação participante em uma turma de jovens e adultos em uma escola municipal de Porto Alegre, constatei que o acolhimento dos educandos da EJA em ambiente escolar é fator que significa profundamente o processo de aprendizagem desses sujeitos colaborando para o seu desejo de permanência nesse espaço.

Palavras-chave: Acolhimento. Educação de Jovens e Adultos. Relação educador-educando.

ABSTRACT

The present work focuses on the reception of students in Youth and Adult Education as a political pedagogical principle of the modality and as a potential instrument to provide a quality and meaningful education. The reception of the students when in the YAE is essential to think about quality education in this modality, because when the previous experiences of these people are put into perspective, both concerning society - in which they had to carry the weight and stigma of not having complete schooling and often do not have the knowledge of reading and writing in a literate society - as concerning the school - which in many cases "invited" these subjects to withdraw from the school environment - we have bruised and marked subjectivities due to the lack of reception. Understanding the peculiarities that characterize the group of YAE students, we can understand the importance of reception for the quality and success of the modality. From a survey of related works, it was possible to identify different aspects that make up the act of welcoming them into an educational environment: bond, dialogic, appreciation of knowledge and life projects, and the autonomy and authorship of the students in their learning process. This research aims to answer the question "How can the reception of YAE students be present in the work of the school institution?" . Through a bibliographic survey and analysis of works related to the theme and the collection of data made from participant observation in a group of young people and adults in a municipal school in Porto Alegre, I noticed that the reception of YAE students in a school environment is a factor that profoundly signifies the learning process of these subjects, contributing to their desire to remain in this space.

Keywords: Reception. Youth and Adult Education. Educator-student relationship.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
2.1 Pesquisa de trabalhos científicos.....	14
2.2 O trabalho da EPA e suas contribuições para pensar o acolhimento nas classes de EJA.....	15
3 METODOLOGIA	20
4 OS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	23
5 O ACOLHIMENTO DOS EDUCANDOS COMO PRINCÍPIO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA EJA	25
5.1 Vínculo.....	27
5.2 Dialogicidade.....	29
5.3 Valorização de saberes extraescolares e de projetos de vida	33
5.4 Autonomia e autoria.....	366
6 O ACOLHIMENTO NO CONTEXTO ESCOLAR DA EJA	399
6.1 Sobre a instituição observada.....	399
6.2 Acolhimento Inicial	400
6.3 Acolhimento no cotidiano escolar	455
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	500
8 REFERÊNCIAS	522
APÊNDICE A – TERMO DE CONCORDÂNCIA	544

1 INTRODUÇÃO

O assunto a ser tratado neste trabalho é o acolhimento dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos no ambiente escolar pensando de que formas isso acontece, quais os elementos que o compõem e qual a sua importância para a modalidade da EJA. A razão pela qual nasceu esse trabalho vem da concepção de que o acolhimento dos sujeitos jovens e adultos nas turmas de EJA é primordial para a sua permanência na escola e para uma aprendizagem significativa e de sucesso. A partir desta pesquisa tenho como objetivo responder à questão: **como o acolhimento dos educandos da EJA pode estar presente no trabalho da instituição escolar?**.

Esse trabalho se ancora sobre o lugar que a Educação de Jovens e Adultos ocupa e defende ao longo da história do nosso país: a EJA acolhe (ou deveria acolher) aqueles que já foram excluídos, de alguma forma, das salas de aula da escola dita regular. Ela é, na sua concepção mais primordial, o lugar daqueles que não tinham mais espaço no tradicional ambiente escolar.

Uma instituição de ensino importante para o presente trabalho é a Escola Municipal Porto Alegre (EPA) - muito reconhecida pelo seu trabalho ímpar voltado para os sujeitos em situação de rua. Aqui ela é referência para pensar o acolhimento devido a sua produção de metodologia e trabalho de pesquisa sobre o assunto. O contato com esse conteúdo e com a experiência da EPA foi um dos fatores que motivaram a escolha do tema deste trabalho. Aqui procuro trazer a experiência da Escola Porto Alegre, através de trabalhos publicados sobre a prática da escola com o acolhimento dos seus educandos no ambiente escolar, para pensar e entender esse processo em outros espaços da Educação de Jovens e Adultos.

Serão analisados e estudados diferentes trabalhos científicos já produzidos sobre o conceito de acolhimento na Educação de Jovens e Adultos e seus aspectos. Por fim, será feita uma coleta e produção de dados a partir da observação de uma turma de EJA de uma escola municipal de Porto Alegre procurando identificar aspectos do acolhimento presentes nas vivências dos educandos nesse espaço.

Mesmo que haja singularidades dentro do grupo de sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, há algumas características comuns que fazem com que esse grupo tenha uma certa especificidade cultural: “três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de ‘não-crianças’, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais” (OLIVEIRA, 2001, p. 2). Isso aproxima os jovens, adultos e idosos educandos da EJA em um denominador comum.

Dessa forma, é importante compreender não só as singularidades de cada sujeito dentro de seu grupo de sala de aula, mas perceber as características que unem os sujeitos como educandos da Educação de Jovens e Adultos. A partir disso, fazer parte desse perfil torna o acolhimento em sala de aula muito mais necessário. Os educandos da EJA são pessoas que, em sua maioria, já sofreram exclusão da escola regular e de diversos espaços e práticas sociais às quais apenas as pessoas alfabetizadas, letradas ou escolarizadas têm pleno acesso. Dessa forma, acolher esses sujeitos na escola, especialmente onde o processo de ensino-aprendizagem ocorre, dentro da sala de aula, se torna primordial para despertar o sentimento de pertencimento e de querer estar naquele espaço.

O ato de bem acolher é imprescindível para suscitar o desejo de permanência em qualquer ambiente e, sendo assim, o acolhimento na escola, principalmente de sujeitos que já foram excluídos desse mesmo local em um outro momento de suas vidas, é ponto fundante para evitar a evasão dos educandos. Para além desse ponto, o ato de acolher tem a potência de proporcionar bem-estar e suscitar a confiança dos educandos nos seus educadores e na sua escola. O ato de acolher os educandos no ambiente escolar faz com que se sintam convidados a habitar e participar daquele espaço como protagonistas do seu próprio processo de aprendizagem, sem temer errar e ser repreendido, e tendo um efeito favorável ao seu percurso escolar.

Somando-se ao que já foi mencionado, a relevância desse trabalho de pesquisa se dá também pela escassa produção científica com essa temática voltada para a área da Educação e, em especial, para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Dessa forma, para compor essa pesquisa, foi realizada uma busca por trabalhos que enfoquem o acolhimento em relação à Educação de Jovens e Adultos.

Um provocador para a realização desse trabalho de pesquisa foi diferentes experiências de inserção e contato com salas de aula de Educação de Jovens e Adultos que tive durante o curso de Pedagogia, nas quais houve discursos de agentes escolares com a ideia de que é mais fácil dar aula na EJA porque os adultos e jovens já estão acostumados a ficar sentados por muito tempo, conseguem se controlar e se adaptar aos ritos escolares de forma mais fácil do que as crianças. Infelizmente, a domesticação dos corpos e a ideia de que apenas o docente tem o poder da fala em sala de aula, ainda são comumente exaltadas como um sinônimo de disciplina e controle de turma. Como dizia a crônica de Marina Colasanti (1996), “[...] a gente se acostuma. Mas não devia”, pois nos acostumamos com uma visão cruel e ultrapassada de educação quando poderíamos estar sonhando e construindo uma educação libertária e acolhedora.

Rememorando vivências positivas com meus professores em disciplinas de EJA no curso de Pedagogia, que nos esperavam com chimarrão e café na sala de aula logo pela manhã, e de outras observações, relatos e inserções em turmas de jovens e adultos, fui motivada a pensar as práticas de acolhimento planejadas e praticadas pelos educadores e agentes escolares para os seus educandos nessa modalidade específica de educação. O que os educadores e as escolas fazem e podem fazer para acolher seus educandos na modalidade da EJA?

A Educação de Jovens e Adultos, por ter seu público composto por sujeitos que foram alvos de exclusão escolar na sua trajetória de vida, deveria se preocupar em acolher e ter práticas diferenciadas e voltadas para a promoção do bem-estar e da permanência desses sujeitos na escola. Mas quais são as práticas no ambiente escolar que permitem o acolhimento dos educandos? Quais os aspectos do ato de acolher? Essas são algumas das perguntas que procuro responder durante a realização deste trabalho.

Temos como exemplo trajetórias de vários sujeitos da EJA que foram excluídos, convidados a sair das salas de aula regular por não terem sido bem acolhidos pela escola. Quando nos sentimos bem em sala de aula, quando somos vistos e respeitados, nos sentimos autorizados e convidados a participar e sermos protagonistas nas práticas que ocorrem ali, pois elas são pensadas para mim e são sobre mim também, sobre o meu processo de aprender.

Este projeto de pesquisa se propõe a responder a seguinte questão: **como o acolhimento dos educandos da EJA pode estar presente na instituição escolar?** Será pesquisado como o acolhimento aos sujeitos da EJA está presente nos espaços escolares. Isso será feito por meio de uma coleta e produção de dados na forma de observação participante visando adquirir mais informações sobre como o acolhimento aos educandos pode estar presente no meio educacional da EJA em uma escola municipal.

É a partir da observação atenta sobre práticas de acolhimento no meio educacional da Educação de Jovens e Adultos que penso ser possível construir uma noção de acolhimento que possa ser posta em prática considerando os sujeitos alvo dessa modalidade. A partir daí, será possível então pensar, planejar e propor práticas pedagógicas que contemplem um acolhimento pensado a partir e para os sujeitos da EJA.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Apresento nesta seção os trabalhos que fundamentam este projeto de pesquisa auxiliando a pensar o conceito de “acolhimento” para os sujeitos jovens e adultos na modalidade da EJA. Acredito haver pouco referencial teórico que ajude a definir o “acolhimento” de jovens e adultos em suas salas de aulas, de forma que, alguns trabalhos precisam ser repensados focando nessa modalidade de educação e seus sujeitos.

O principal disparador para pensar o “acolhimento” dos educandos da EJA foi o trabalho pensado e colocado em prática na Escola Porto Alegre com foco no acolhimento de seus educandos. A Escola Municipal Porto Alegre (EPA) é uma escola com trabalho ímpar no Brasil, pois seus educandos são sujeitos em situação de rua. Dessa forma, foi desenvolvido um trabalho e metodologia dentro da escola objetivando o acolhimento dos seus alunos e, assim, incentivando e possibilitando a sua permanência no ambiente escolar, que comumente não é pensado para acolher vivências diferenciadas, como as dessas pessoas.

A obra utilizada para conhecer o trabalho da EPA foi a Dissertação de Mestrado de Renato Farias dos Santos (2018), intitulada “O acolhimento da população em situação de rua: a experiência do Núcleo de Trabalho Educativo da EPA”, a qual busca analisar o entendimento e a prática de “acolhimento” presente nos documentos oficiais e nas práticas cotidianas da escola e, em especial, no trabalho do Núcleo de Trabalho Educativo (NTE). O trabalho desenvolvido na Escola Porto Alegre foi estudado e aqui é repensado para um público mais amplo e diversificado de educandos, como é comumente encontrado em salas de aula da EJA.

Dentre as obras encontrados em momento de pesquisa, destaco a seguir aquelas que serviram como base para este trabalho:

O texto de Maria Aparecida Cândido (2006), “Acolhimento: um contexto a ser discutido” - disponível na íntegra dentro do trabalho “O acolhimento da população em situação de rua: a experiência do Núcleo de Trabalho Educativo da EPA” de Renato Farias Santos (2018) - discorre sobre a importância das escolas se tornarem atrativas e prazerosas para seus educandos como estratégia de chamamento e de permanência dos sujeitos dentro delas. Partindo desse ponto, a autora fala sobre aspectos que devem ser pensados e colocados em prática pela escola que acolhe seus educandos.

Maria Laffin (2007), em seu artigo denominado “Reciprocidade e acolhimento na educação de jovens e adultos: ações intencionais na relação com o saber”, apresenta os resultados de sua pesquisa de doutorado. Laffin trata o acolhimento em seu texto como uma

ação intencional docente no processo de ensino-aprendizagem e como uma estratégia de mediação do trabalho pedagógico na Educação de Jovens e Adultos. Este trabalho se centraliza nos relatos de professoras da Rede Municipal de São José, estado de Santa Catarina, sobre suas práticas em relação aos educandos da EJA e em relação à modalidade em si. Um dos maiores destaques do artigo sobre as falas das educadoras, se concentra no reconhecimento docente da importância de articular e adaptar o trabalho pedagógico às particularidades dos sujeitos educandos jovens e adultos.

O Trabalho de Conclusão de Curso “Docência na EJA: o acolhimento como princípio educativo nas aulas de alfabetização do Núcleo de estudos da terceira idade - NETI/UFSC” de Maria Aparecida Pereira (2017) também compõe de forma muito central essa pesquisa. Pereira, em sua pesquisa, busca compreender a relação do acolhimento, como princípio educativo, com o processo de aprendizagem e a permanência dos educandos do Primeiro Segmento de Alfabetização do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) - projeto localizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Jeferson Ventura Machado (2012) em seu Trabalho de Conclusão de Curso denominado “Educação de Jovens e Adultos: encantamento e permanência” discorre sobre os motivos que podem resultar na permanência dos educandos jovens e adultos na escola, apesar da alta evasão na modalidade da EJA. Utilizo seu trabalho aqui para pensar os fatores relacionais que resultam numa experiência positiva com o ambiente escolar e que acabam sendo componente do fator acolhimento dos educandos.

Por fim, o trabalho “A importância do afeto em sala de aula” de Josiane Ferreira Nunes (2011), apresentado como conclusão de curso, enfatiza a importância de uma relação afetuosa entre educador e educando e do exercício do diálogo como fatores que levam a bons resultados na experiência escolar. Entendo que o afeto e os fatores da aprendizagem trabalhados nesse trabalho compõem o acolhimento dos educandos no ambiente escolar e acabam por significar de forma positiva as vivências escolares.

2.1 Pesquisa de trabalhos científicos

Foi realizada pesquisa sobre trabalhos que contemplem especificamente a temática “acolhimento” em relação à Educação de Jovens e Adultos, que tivessem os descritores no seu título. No dia 5 de julho de 2022, em busca nos sites SciELO, Google Acadêmica e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), tive os seguintes resultados:

No site SciELO, com os descritores “Acolhimento” e “EJA” no título, foi obtido nenhum resultado. Entretanto, quando os descritores foram “Acolhimento” e “Educação de

Jovens e Adultos”, obteve-se um artigo como resultado: “Reciprocidade e acolhimento na educação de jovens e adultos: ações intencionais na relação com o saber” de Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin (2007). Este artigo, da área da Educação e realizado com docentes da rede municipal de São José em Santa Catarina, está na Revisão Bibliográfica deste presente trabalho.

No site Google Acadêmico, com os descritores “Acolhimento” e “EJA” no título, obteve-se dois Trabalhos de Conclusão na área da Educação como resultados: “Docência na EJA: o acolhimento como princípio educativo nas aulas de alfabetização do núcleo de estudos da terceira idade-NETI/UFSC” de Maria Aparecida Pereira (2017) e “A inclusão de jovens e adultos com necessidades específicas na EJA no Centro de Ensino Fundamental 201 de Santa Maria no Distrito Federal: acolhimento e pertencimento” de Cícero Batista dos Santos Lima (2015). Quando pesquisado os descritores “Acolhimento” e “Educação de Jovens e Adultos” obteve-se o dobro de resultados: quatro trabalhos foram encontrados. Foram eles: o artigo “Reciprocidade e acolhimento na educação de jovens e adultos: ações intencionais na relação com o saber” de Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin (2007); o artigo “O acolhimento como diretriz político-pedagógica na Educação de Jovens e Adultos” de Maria Clara Bueno Fischer e Renato Farias dos Santos (2020); “Educação de Jovens e Adultos e acolhimento de imigrantes em Porto Alegre, Brasil: um relato de experiência com oficinas em aula plurilíngue” de Rodrigo Lages e Silva *et al.* e “A escola pública e o acolhimento aos imigrantes na cidade de São Paulo: uma experiência na educação de jovens e adultos” de Adriana Carvalho de Carvalho Alves Braga (2021).

Por fim, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, utilizando os descritores “Acolhimento” e “EJA” foi obtido um trabalho como resultado: “Acolhida e permanência de egressas e egressos EJA-PROEJA no Ensino Superior: auto(trans)formações possíveis” de Ivani Soares (2019). Quando os descritores foram “Acolhimento” e “Educação de Jovens e Adultos” entretanto, não foi obtido nenhum resultado.

Dentre esses sete trabalhos encontrados, apenas quatro tinham maior ligação com o objetivo da presente pesquisa. Dessa forma, podemos inferir que há uma pequena produção científica voltada para pensar o acolhimento dos educandos da EJA dentro das salas de aulas, mesmo que o acolhimento se mostre uma preocupação e um ponto de interesse existente e atual, entre os trabalhos científicos produzidos na área da Educação de Jovens e Adultos.

2.2 O trabalho da EPA e suas contribuições para pensar o acolhimento nas classes de EJA

Para a composição desta pesquisa, busquei conhecer o trabalho ímpar da Escola Municipal Porto Alegre - uma das únicas escolas do país voltada para jovens e adultos em situação de rua - como base para pensar o acolhimento na modalidade da EJA. Aqui, procuro compreender o seu conceito de acolhimento e sua prática voltada para o bem acolher os educandos e suas especificidades. Ressalto os principais pontos em que penso ser possível pensar o “acolhimento” em outras realidades de instituições escolares do público da EJA.

A dissertação “O acolhimento da população em situação de rua: a experiência do Núcleo de Trabalho Educativo da EPA” de Renato Farias dos Santos (2018) é a principal referência utilizada para conhecer sobre o acolhimento posto em prática na EPA e sendo possível refletir como algumas práticas e mudanças na organização da instituição escolar podem possibilitar o acolhimento dos jovens e adultos nesse espaço. Destaco também a mudança positiva que pensar o acolhimento em todos os espaços de EJA pode ter na qualidade da experiência educacional dos sujeitos e na sua permanência naquele espaço.

O acolhimento se torna elemento central na prática pedagógica desenvolvida na Escola Municipal Porto Alegre devido a particularidade dos seus educandos: pessoas em situação de rua. Se a EJA geralmente tem em seu público-alvo sujeitos que foram marginalizados na sociedade e com trajetórias escolares marcadas pelo “fracasso” e pela exclusão, com os educandos da EPA essas questões se intensificam ainda mais. Por isso, a necessidade e a importância de se pensar o acolhimento desses sujeitos na escola como um ponto central desse espaço educacional. Tendo resultados positivos advindos da prática educacional feita nessa escola focalizando o acolhimento dos educandos, penso ser possível analisar de que formas ela pode contribuir para pensar o acolhimento de jovens e adultos em classes de EJA em outras instituições de ensino.

Santos (2018, p. 56) aponta no texto que entre as Diretrizes Curriculares presentes no Projeto Político Pedagógico da EPA, “[...] a diretriz socioantropológica afirma ter “no diálogo o princípio do acolhimento”, apontando-o, portanto, como elemento essencial para a caracterização da EPA como uma escola inclusiva em todas as suas dimensões”. O diálogo deve ser considerado como base para o acontecimento do acolhimento em sala de aula. Abrir espaço para conversar e conhecer os educandos através da conversa, utilizar uma linguagem verbal não violenta, estabelecer uma relação horizontal no diálogo e, principalmente, ouvir o que os jovens e adultos têm a dizer, é um dos primeiros passos para bem acolher esses sujeitos e deve ser prática diária e constante dos educadores.

Dessa forma, podemos inferir que um dos componentes principais do ato de acolhimento é o estabelecimento do diálogo entre os educadores e educandos em contexto

escolar. Como nos diz Freire (1996, p. 127), “[...] não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitidas aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles”. Juntamente com o diálogo, aparecem a observação e a escuta do educador com “[...] uma sensibilidade que permita observar não somente as linguagens orais como as corporais [...] ou seja, a linguagem do estudante sendo acolhida como válida” (SANTOS, 2018, p. 64) e assim, traduzir o que foi descoberto em uma prática pedagógica com sentido para os sujeitos em suas aprendizagens.

Outro componente da ação de acolher os educandos é a construção de vínculo entre eles, os educadores e a escola. Esse ato é um dos responsáveis pela garantia da permanência dos sujeitos jovens e adultos nas classes de EJA. O sentimento de valorização, de respeito naquele espaço, de que o que se pensa e o que se sente têm valor, aumentam a autoestima e a confiança que são necessárias para os sujeitos da EJA estarem num ambiente em que constantemente são deparados com o que ainda não sabem e que devem aprender.

Bem acolher é receber em sala de aula a pessoa, não só o educando, isto é, olhar e considerar todos os aspectos daquele sujeito, não apenas o educacional. Devemos ouvir e conhecer nossos educandos para assim poder valorizar os seus saberes extraclasse na sala de aula, contemplando outros aspectos da vida para além do espaço educacional e assim, “[...] incorporar, na práxis pedagógica, as demandas, os sofrimentos, os anseios e sonhos e comprometer-se com as lutas pela transformação política e social e trabalhar em rede na busca de soluções” (SANTOS, 2018, p. 64).

É preciso reconhecer que uma das especificidades dos sujeitos da EJA é o fato de que eles, motivados por uma razão, escolhem voltar para a escola. Diferentemente das crianças em classes regulares que são colocadas na escola pelos pais, os nossos educandos jovens e adultos podem escolher quando retornar à escola da mesma forma que podem escolher ir embora novamente. Dessa forma, é imprescindível valorizar o esforço desses sujeitos de retornar a uma sala de aula e de se colocar em situação de aprendiz, de voltar a um espaço que, muitas vezes, os fez sofrer e provocou um sentimento de não adequação: um espaço que não foi capaz de os acolher no seu primeiro contato com a instituição escolar.

O Projeto Político e Pedagógico da EPA afirma que “acolher é permitir a inclusão, não é só uma questão metodológica, é uma dinâmica a permear todos os tempos e espaços escolares, tendo como protagonistas educadores comprometidos e envolvidos com uma prática educativa dialógica” (EMEF PORTO ALEGRE, 2014, p. 31). A partir disso, tomamos os educadores como os protagonistas da ação de acolher com a prática educativa em sala de

aula e na escola de maneira ampla: é responsabilidade e parte do fazer docente acolher os educandos. Protagonismo duplo na questão do acolhimento: protagonismo dos educadores, mas também dos educandos ao reconhecerem-se como os sujeitos que vão vivenciar aquele ensino e que vão construindo o seu processo educacional todos os dias no ambiente escolar, a partir de quem são e de o que querem aprender.

Pensando na inclusão como parte do acolhimento, tem-se que na “[...] escola que acolhe, os estudantes devem ser respeitados em relação a suas diversidades (em diferentes dimensões), tendo-se em vista a complexidade do ser humano” (SANTOS, 2018, p.117). A inclusão num sentido mais amplo do conceito é pensar para a diversidade. Logo, atividades diferenciadas e adaptadas para diferentes níveis e diferentes sujeitos, porém tratando do mesmo objeto de estudo, são imprescindíveis para garantir a inclusão. É preciso que os conhecimentos disponibilizados no ensino-aprendizagem sejam desafiadores, empolgantes e com significância para todos os sujeitos que ali estão, ao mesmo tempo que respeitando os diferentes limites de cada um. A escola acolhedora é inclusiva e acolhe todos os sujeitos se adaptando ao grupo que ali está.

De acordo com Santos (2018, p. 65), “na EPA o acolhimento faz parte do pensar e do fazer pedagógico”. O ato de acolher deve ser postura ética e constante do trabalho docente no ambiente escolar. Este presente trabalho procura entender como o acolhimento pode ocorrer no espaço escolar destinado aos educandos da EJA, pensando quais aspectos possibilitam essa ação, quais sujeitos podem estar envolvidos nela e de que maneira isso pode ser planejado pela ação dos educadores que compõe o coletivo de uma instituição de ensino que atenda os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos.

O acolhimento é um elemento que pode ser pensado pelos educadores e trazido na sua prática pedagógica em sala de aula: planejar as aulas e a sala de aula para e a partir dos seus educandos é uma forma de acolhimento. Os aspectos que devem ser priorizados são: quem são os educandos e o que eles querem e precisam aprender. A partir disso diferentes aspectos do acolhimento devem ser considerados pelo planejamento docente, como o bem-estar e a segurança dos educandos, abarcar diferentes formas e processos de aprendizado na prática em sala de aula, diálogo e escuta sensível, valorizar conhecimentos e vivências extraclasse, proporcionar aprendizagens significativas, conhecer e construir com os educandos os seus projetos de vida, entre outros.

Os docentes têm a potência de não se prender ao que está no currículo para aquela etapa educacional, mas buscar pensar e modificar o currículo e a escola pensando nos seus educandos. É a instituição escolar que deve se modificar visando uma educação significativa

para seus educandos e não os sujeitos que devem se adequar a uma escola com lógica excludente. Devemos inverter essa lógica na nossa sociedade, pois os resultados disso são a evasão escolar e o não alcance de várias pessoas a habilidades fundamentais na nossa sociedade atual, como a habilidade de ler e escrever, por exemplo.

O saber docente não está terminado nunca: a cada turma, a cada educando são exigidos um novo saber e uma nova vivência e é preciso estar aberto para receber. É preciso estar disponível para receber o inesperado - a vida - dentro da sala de aula e agir a partir disso. Permitir que o inesperado, que o novo e a vida invadam a sala de aula e mostrem que aquilo que estava proibido, escondido e não convidado para a escola é caminho para transformar a instituição escolar e torná-la mais acolhedora.

3 METODOLOGIA

A metodologia desse trabalho de pesquisa tem uma abordagem qualitativa. Como nos diz Gerhardt e Silveira (2009, p. 31), “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização”, dessa forma, o entendimento do conceito “acolhimento” e práticas relacionadas à isso serão distintos de acordo com cada sujeito, sendo isso melhor analisado sob uma ótica qualitativa.

A estratégia de pesquisa adotada para desenvolver o estudo é a pesquisa-ação. Como define Thiollent (2002, p. 14),

a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Sendo assim, as principais características dessa estratégia de pesquisa são o ativo envolvimento dos participantes na pesquisa; as soluções para os problemas apresentados são pensadas pelos sujeitos participantes e a forma cíclica da estratégia, que acaba necessitando de um longo tempo para implementação tendo as fases de planejamento, ação, observação e reflexão, fases essas que devem ser todas documentadas ao longo do processo.

Para pensar a coleta de dados, é importante pontuar o que se está buscando encontrar. A questão central da pesquisa “que práticas pedagógicas podem auxiliar no acolhimento dos educandos da EJA?” tem um caráter explicativo, pois, de acordo com Gil (2002) há uma relação causal entre a organização de práticas pedagógicas e o acolhimento proporcionado aos educandos dessa modalidade desse ensino. É essa relação que busco explicitar e explicar com o meu trabalho de pesquisa.

O objetivo central desta pesquisa é compreender as práticas e os aspectos do acolhimento que podem estar presentes no ambiente escolar da Educação de Jovens e Adultos a partir da questão que move este trabalho: que elementos da prática docente e da atuação da escola possibilitam o acolhimento dos educandos da EJA no ambiente escolar?

Os objetivos específicos se concentram na investigação do acolhimento aos educandos da EJA através de levantamento bibliográfico dos trabalhos já produzidos sobre o assunto e a busca por identificar estratégias de acolhimento criadas pela escola para garantir o acolhimento dos estudantes da EJA através da observação participante em uma escola municipal de Porto Alegre.

Tenho como hipótese que o acolhimento pode estar presente na modalidade da Educação de Jovens e Adultos através, principalmente, da postura dos educadores ao terem amorosidade, disponibilidade e respeito com os educandos que frequentam o espaço escolar. Pretendo verificar essa hipótese com a coleta, análise e produção de dados desse projeto de pesquisa que serão desenvolvidos em etapa posterior.

O acolhimento, por ser ponto fundamental para a qualidade da Educação de Jovens e Adultos, pode ser potencializado através de uma prática pedagógica unificada dentro do ambiente escolar com educadores que tenham um olhar atento para as subjetividades daquele grupo de sujeitos e de cada um deles em si, respeito e uma relação dialógica com os educandos, ouvindo-os, incentivando a sua autonomia e autoria dentro do espaço escolar e fazendo esse trabalho com intencionalidade, isto é, reconhecendo que é preciso planejar explicitamente o acolhimento na prática educativa da escola.

O método de coleta de dados escolhido é a observação participante que será realizada durante o período de observação do estágio curricular obrigatório realizado pela pesquisadora numa instituição escolar municipal de Porto Alegre voltada para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos durante o mês de agosto de 2022.

O tipo de observação selecionado é a observação participante no qual “o investigador participa até certo ponto como membro da comunidade ou população pesquisada” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 75). O maior ganho dessa forma de observação é obter a confiança do grupo observado pela proximidade estabelecida e poder conscientizá-los da importância da investigação que está sendo feita. A observação participante é potente por permitir “[...] captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 75) e, por esse motivo, entendo como primordial nesse estudo.

A escolha desse método de observação se deu também pelo desejo da pesquisadora de estar junto ao seu objeto de estudo ao mesmo tempo em que é estabelecida uma relação profissional de Estágio com docente e educandos. Relação de intimidade, confiança e afeto é importante para se observar e entender aqueles sujeitos e suas ações quanto a um assunto tão subjetivo quanto o acolhimento. Poder participar do dia a dia em sala de aula se torna importante para observar, pois só assim é possível presenciar fatos, comportamentos e cenários que não ocorreriam de tal forma na companhia de pessoas desconhecidas.

O método de análise a ser utilizado será a Análise de Conteúdo que, de acordo com Bardin (1979, p. 38), se caracteriza por alto como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo

das mensagens”.

O caminho para alcançar os objetivos deste trabalho será através de uma metodologia de abordagem qualitativa e com a estratégia adotada de pesquisa-ação coletando e produzindo dados através da observação participante em uma turma de EJA. Será observado a presença ou não dos aspectos identificados neste trabalho como componentes do ato do acolhimento aos educandos jovens e adultos no ambiente escolar.

4 OS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Os educandos da EJA são um grupo diverso quanto a idade, pois nessa mesma modalidade podemos encontrar idosos, adultos e jovens, que estão na escola por diferentes motivos. Entretanto, há algo em comum a todos eles: são educandos que, em algum momento, foram excluídos ou impossibilitados de frequentar as classes regulares das escolas. Nesse cenário, como nos diz o Parecer 11 do Conselho Nacional de Educação, a Educação de Jovens e Adultos tem uma função equalizadora e “[...] representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas” (BRASIL, 2000, p. 5).

Parte da importância da Educação de Jovens e Adultos se encontra na sua potência de reparação da desigualdade no que cerne ao direito de saber ler e escrever dentro de uma sociedade grafocêntrica. Negar o direito desse aprendizado para alguém é privá-lo de estar em igualdade dentro dessa sociedade e de possuir um instrumento que o permita exercer a sua cidadania de forma plena. Além da questão da alfabetização de jovens e adultos, a EJA “[...] representa uma promessa de efetivar um caminho de desenvolvimento de todas as pessoas, de todas as idades. Nela, adolescentes, jovens, adultos e idosos poderão atualizar conhecimentos, mostrar habilidades, trocar experiências e ter acesso a novas regiões do trabalho e da cultura” (BRASIL, 2000, p. 10).

As razões para o não acesso e não permanência na escola em idade dita “regular” são diversas, mas se concentram em fatores sociais, econômicos e de raça e gênero. A escola pública nunca foi para todos ao longo da história do nosso país e isso se mantém atualmente de diversas formas: “os mecanismos de seleção, conscientes ou inconscientes por parte das instituições, operaram e seguem operando, através das reprovações continuadas e da chamada evasão, sobre as trajetórias de grande parte das crianças pobres, negras e periféricas [...]” (MOLL; SANTOS, 2020, p. 170). Tais sujeitos serão a maioria dentro das turmas da EJA quando mais velhos.

A desigualdade econômica e social que afeta a maior parte desse grupo constitui limites para assegurar o direito à educação, sendo este um dos maiores motivos que os levam a não acessar a escola regular na idade prevista legalmente ou a serem forçados a interromper seus estudos. A ausência de saúde, moradia, educação, entre outros “[...] os faz pagarem o preço de uma desigualdade social e econômica estruturante do contexto brasileiro, comprometendo o desenvolvimento de suas capacidades, o exercício de direitos políticos e o

direito à vida digna.”. (DANTAS; OLIVEIRA; PAIVA, 2020, p. 6).

É possível afirmar que o direito à educação foi negado aos sujeitos que compõem a Educação de Jovens e Adultos no seu primeiro contato com a escola regular, pois não só o acesso, mas também a permanência na instituição escolar, fazem parte desse direito. É preciso garantir as condições para que aconteça o processo de escolarização dos sujeitos da EJA, mas também dos estudantes em geral que chegam para frequentar as escolas.

Em especial na EJA, as especificidades do seu grupo de educandos precisam ser consideradas no planejamento e nas aulas de forma a oportunizar a aprendizagem significativa dessas pessoas. A Educação de Jovens e Adultas necessita ser pensada como uma modalidade própria, não como uma adaptação da escolaridade de crianças no ensino fundamental. Apenas dessa forma será possível criar situações pedagógicas de qualidade e satisfazer as necessidades de aprendizagem de jovens e adultos.

Ainda como desafio à Educação de Jovens e Adultos aparece o pensamento comum, e equivocado, de que para os seus sujeitos - por terem uma trajetória de exclusão e violência na instituição escolar - a qualidade da educação oferecida não é central. O entendimento de que para jovens e adultos qualquer tipo de educação “vale”, acaba reforçando que esse direito a uma educação pública, de qualidade e pensada para eles, não é válido em função de suas características sociais e, mesmo que inconsciente, promove uma forma de educação que reforça e reproduz a desigualdade social dentro das instituições.

5 O ACOLHIMENTO DOS EDUCANDOS COMO PRINCÍPIO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA EJA

Libâneo (2012) nos fala sobre uma escola para os ricos, em que seria priorizado a produção de conhecimento, enquanto haveria uma escola para os pobres chamada de “escola do acolhimento”. Dessa forma, os educandos das classes populares acabariam sendo prejudicados por apenas ter acesso a uma educação de baixa qualidade e que não os incentiva a exercer sua cidadania e protagonismo nas diferentes áreas da sociedade sem oportunizar um reconhecimento social e econômico relacionado a suas aprendizagens. A ideia de que o acolhimento na escola seria apenas permitir o seu ingresso nela, sem haver uma preocupação com a qualidade da educação oferecida, precisa ser ultrapassada.

É preciso ressignificar a visão do conceito “acolhimento” para um possibilitador de uma prática libertadora de educação que entenda as características e especificidades dos seus sujeitos educandos, mas que não os limitem por causa disso. Ao contrário da ideia errônea apresentada – e criticada - no texto de Libâneo (2012), o acolhimento na modalidade da Educação de Jovens e Adultos deve ser visto como o ato de enxergar e abraçar o sujeito em sua totalidade: características, classe social, gênero, vivências passadas e, juntamente a isso, todo o seu potencial e projetos de vida para assim torná-los possíveis através da educação que será oferecida.

O Dicionário Online de Português (2022) define “acolhimento” como “Ação ou efeito de acolher; acolhida;”, “Modo de receber ou maneira de ser recebido; consideração”, “Boa acolhida; hospitalidade”, “Lugar em que há segurança, abrigo” e define como sinônimos de “acolhimento”: “proteção, guarida, consideração, refúgio, abrigo, hospitalidade, acolhida”. Considerando essas informações advindas dos significados da palavra acolhimento, e somando-se a isso os diferentes elementos apontados pelos autores citados nesse trabalho que compõem o conceito de “acolhimento” no meio escolar, podemos inferir que o ato de acolher os educandos na EJA está ligado a bons sentimentos, à confiança desses sujeitos nos seus educadores e na instituição educacional a qual fazem parte e, para além disso, à uma qualificação técnico-profissional atrelada a um comprometimento político e social dos agentes escolares com seus educandos.

O acolhimento dos educandos da EJA em seu retorno ou ingresso à escola se torna um aspecto central para assegurar o direito à educação, pois pode contribuir para a permanência, ou não, desses sujeitos na instituição de ensino. Se o acolhimento no espaço educacional pode conferir sentido e facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos educandos, sem o acolhimento acaba por ser oferecida uma escolarização mecânica e distante de suas

realidades.

A escola é um ambiente social que pode desencadear situações estressantes, não só pelo desafio de aprender e de ser constantemente deparado com coisas que ainda não se sabe, mas também devido às situações de interações interpessoais que acontecem nesse espaço. Sendo assim, se não há um apoio para os educandos se sentirem confiantes e seguros nesse meio, isso pode em última instância resultar em sua evasão do ambiente escolar. O acolhimento é fator imperioso para a qualidade da Educação de Jovens e Adultos, que por sua vez, pode fazer com que a evasão de jovens e adultos seja reduzida.

Práticas de acolhimento dos educandos em sala de aula deveria ser pauta de formação docente de qualquer curso de formação para a docência e para qualquer modalidade de ensino. Entretanto, defendo que essa importância seja reafirmada quando pensamos nas especificidades do público-alvo da Educação de Jovens e Adultos: sujeitos que experienciaram e tiveram trajetórias escolares que, em diversos casos, os machucaram de alguma forma e que sofrem diariamente com a discriminação social e o não acesso à cidadania plena devido a sua trajetória escolar incompleta.

Hoje vemos a modalidade da EJA sendo cada vez mais desvalorizada, sucateada e sua “baixa qualidade” e altos números de evasão sendo utilizados por agentes políticos como justificativa para diminuir a oferta de turmas de jovens e adultos. Nesse panorama, é um ato de resistência docente oferecer uma educação de qualidade e buscar argumentos que apontem como é imprescindível a permanência das classes de EJA. Afinal são, diversas vezes, único meio possível para que tantos jovens e adultos brasileiros tenham seu direito à educação assegurado. Esta qualidade implica considerar e acolher os estudantes da EJA em sua diversidade cultural e com isso em seus diferentes objetivos e saberes não escolares.

Uma escola acolhedora aprende com seus educandos, com suas vivências e seus saberes, e se transforma a partir deles para poder acolhê-los. Para que o acolhimento dos sujeitos jovens e adultos dentro do ambiente escolar aconteça é preciso que os agentes escolares reconheçam que não são os educandos que precisam ser diminuídos para caberem no ideal de aluno, mas sim é a instituição educacional que precisa se expandir e se transformar para ser o ambiente ideal para que os seus alunos possam aprender com segurança, tranquilidade e êxito nos seus objetivos.

Durante a pesquisa por trabalhos relacionados ao conceito de acolhimento na Educação de Jovens e Adultos, foi possível identificar aspectos que fazem parte do ato de acolher um educando dentro do ambiente educacional. Nesta seção irei trabalhar o “acolhimento” através de cada um desses aspectos de forma mais específica trazendo autores

que contribuem para o entendimento das diferentes partes do ato de acolher. Ressalto o entendimento do “acolhimento” como um conceito polissêmico e como um dos pilares político-pedagógicos da EJA.

5.1 Vínculo

Para conseguir acolher o educando da EJA é necessário que ele esteja disponível para o estabelecimento de uma relação com o educador, com seus pares e com a instituição de ensino no qual está inserido. Esse desejo de se relacionar do educando deve ser incentivado e é chave central da criação do vínculo que precisa ser estabelecido com o seu educador. O vínculo entre o educando e aquele que está na posição de docente é primordial para oportunizar uma aprendizagem significativa, pois leva ao desejo de estar naquele espaço: na sala de aula e na instituição educacional.

As escolas precisam se tornar atrativas para seus educandos, convidativas para entrar nelas e querer permanecer ali. Uma das estratégias para se alcançar isso é transformar a escola - principalmente o ambiente da sala de aula - em um espaço acolhedor, isto é, prazeroso de se estar. Cândido (2006) nos realça um aspecto central no acolhimento em ambiente escolar: o estabelecimento de uma relação dialógica entre educadores e educandos, a qual possibilita que sejam construídos “[...] vínculos, afetos, confiança, respeito, autonomia, criticidade”, enfim, elementos importantes para que ocorram diferentes aprendizagens.

Laffin (2007), no seu artigo “Reciprocidade e acolhimento na educação de jovens e adultos: ações intencionais na relação com o saber”, nos traz uma dimensão do acolhimento baseada no estabelecimento de uma relação próxima entre docentes e discentes. Temos que a docência está primordialmente relacionada ao processo de ensino-aprendizagem como uma ação pedagógica, entretanto, há outras dimensões para o trabalho docente, entre elas a dimensão social da prática pedagógica, pois é um ofício em que o objeto de trabalho do trabalhador - professor - são outros seres humanos.

A dimensão social da ação pedagógica também está atrelada a sua dimensão emocional, uma vez que não é possível entrar dentro da escola, da instituição escolar e nos despir de sentimentos e emoções. A pessoa por ser educando não deixa de ser pessoa, daí que: “Não se compartilha do jogo social sem sentimento e não se aprende sem sentimento” (NUNES, 2011, p. 7). Reconhecendo isso, podemos entender por que o vínculo e a afetividade desempenham papel central no acolhimento dos educandos.

A relação estabelecida entre professores e educandos é um aspecto basilar da educação, pois é na relação com os seus educandos que os professores se constituem e se

entendem como tais e o contrário também ocorre. Essa intimidade, proximidade, que pode ser estabelecida através da relação entre educadores e educandos, acaba por acolher ambos em sala de aula, pois constrói uma convivência diária baseada num “[...] envolvimento humano, marcado por trocas, conflitos, diálogos, negociações, empenho e uma intimidade entre docentes e discentes” (LAFFIN, 2007, p. 114).

A afetividade na relação educador-educando não determina que seja preciso ter uma relação outra que não a que ocorre na sala de aula ou proximidade que ocorra fora do ambiente escolar para esta ser verdadeira. Como educadores, é

[...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem os educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. (FREIRE, 1996, p. 141)

Como nos diz Nunes (2011, p. 10), “o ser humano possui necessidade de ser ouvido, valorizado e acolhido, contribuindo dessa forma para uma boa imagem de si mesmo. De tal forma que a afetividade está fortemente ligada à construção da autoestima”. Esse fato é especialmente importante para os sujeitos da EJA, que muitas vezes chegam (ou retornam) à escola com sua autoestima e subjetividades machucadas pela sua trajetória escolar incompleta e pela forma como são enxergados e tratados pela sociedade a partir da sua condição de não alfabetizados.

Dessa forma, humanizar e tornar mais próxima a relação entre docente e discentes é um aspecto que promove o acolhimento dos educandos, trazendo confiança, afetividade e segurança para os sujeitos naquele ambiente. Devemos ter em mente que é justamente a possibilidade de relacionar-se com outras pessoas que incentiva muitos jovens e adultos a voltarem para a sala de aula através da EJA. Dessa forma, estabelecer boas relações, relações próximas, com intimidade entre os sujeitos que ali atuam, é um aspecto que contribui para o acolhimento dos estudantes e para o seu desejo de estar no ambiente da escola.

A escola é um espaço não só de construção de conhecimento, mas também de relações humanas. É preciso reconhecer isso para então aceitar a importância do estabelecimento de relações saudáveis e permeadas de afeto, de respeito e de confiança entre educadores e educandos, pois há a “[...] certeza de que o aluno só se instrui quando se sente abrigado, respeitado, valorizado” (NUNES, 2011, p. 7).

Acolher é passar confiança, segurança, demonstrar que o docente acredita que aquele

educando é capaz e pode aprender. Esse ato incentiva os educandos a se colocarem no papel de aprendizes, em busca de conhecimento, de perguntar e de assumir que ainda não se sabe algo, mas se está no caminho para saber, se abrindo para o processo de aprendizagem. “O ato de acolher quebra barreiras, afasta medos e vergonhas e traz a curiosidade, o desejo de saber, de falar, de contar o que já se sabe e de perguntar o que ainda não se sabe.” (PEREIRA 2017, p. 39)

De acordo com Pereira (2017), o acolhimento como princípio educativo incentiva a aprendizagem, a busca pelo conhecimento, a educação ao longo da vida e a permanência na escola primordialmente. O acolhimento aproxima educandos e educadores, demonstra a preocupação e o cuidado do docente por cada estudante, sua disponibilidade para ajudar e sua confiança na capacidade de aprender de cada um. Sentindo-se acolhidos, valorizados e respeitados em suas histórias de vida e particularidades, os educandos da EJA “[...]saem da condição de sujeitos historicamente deixados à margem e passam a ocupar um espaço onde são sujeitos principais e para quem todas as ações são planejadas.” (PEREIRA, 2017, p. 29)

A escola pode ser um espaço de lembranças ruins e de traumas para muitos educandos da EJA. Dessa forma, o vínculo estabelecido entre educando e educador pode ser uma ferramenta para combater a evasão escolar ao dar a segurança para os educandos de que errar é permitido e de que, na ocasião do erro, eles não serão julgados. O vínculo como aspecto primordial do acolhimento, reforça a importância de se sentir bem e de ser bem recebido em um lugar, pois, diversas vezes, isso é o que pode suscitar o desejo de permanecer nele.

O estabelecimento de um vínculo entre educador e educando é imprescindível para poder acolher os sujeitos da EJA no espaço escolar. Dessa forma, precisamos construir: de que formas o vínculo é estabelecido entre esses sujeitos? Quais os meios para ter uma relação baseada na afetividade, confiança e parceria? Pensando na resposta para essas questões, entendo que o estabelecimento de uma relação pautada no diálogo entre os seres humanos é meio para estabelecer um vínculo entre eles e é também um dos conceitos chave para a Educação de Jovens e Adultos.

5. 2 Dialogicidade

Aqui utiliza-se o conceito de dialogicidade como definido por Freire (1974, p. 109) em sua obra *Pedagogia do Oprimido*: “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”.

O diálogo, a constituição de uma relação dialógica, é o que possibilita o educador acessar as visões e leituras de mundo dos educandos e assim, poder trabalhá-las através do

trabalho pedagógico. De acordo com Machado (2012, p. 55), “para estabelecermos propostas de trabalho pedagógico que dialoguem com a cultura já construída pelos alunos, talvez o simples fato de os ouvir com atenção e carinho, desarmados de preconceitos, nos indique terras mais férteis para a prática pedagógica”.

Um diálogo aberto, franco e sem medo só é possível com o estabelecimento de um vínculo entre educador e educando. Da mesma forma, só é possível a criação de uma relação firme se o educador demonstra interesse em ouvir o seu educando através da escuta sensível e observação atenta daquilo que ele o comunica. Assim, temos que o Vínculo e o Diálogo são codependentes e ambos fundamentais para a realização do ato do acolhimento. Como diz Machado (2012, p. 43), “a escola deve ser um ambiente acolhedor. De diálogo entre os sujeitos que a compõem, pessoas que compartilham uma caminhada de vida e são responsáveis pelo apoio à realização dos projetos dos educandos”.

O estabelecimento de uma relação horizontal entre educador-educando é ponto fundamental numa educação dialógica, pois esta

[...] é encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser doação do pronunciar de uns a outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens (FREIRE, 1974, p. 110)

Há dentro de qualquer espaço educacional uma diversidade de tempos, de ritmos e de formas de aprender. É preciso que o educador reconheça isso e dialogue com os seus educandos sobre como sua prática pedagógica está sendo recebida por eles, buscando saber quais estratégias eles utilizam para aprender, o que facilita ou dificulta o seu processo de aprendizagem e outras questões que incidem no sucesso do processo de construção de conhecimento. Como nos diz Cândia (2006):

Para que os estudantes permaneçam na escola, se sintam acolhidos e incluídos nela, é fundamental que o professor ao propor situações de aprendizagem observe e reflita como os estudantes constroem seus conhecimentos valorizando-os e ao mesmo tempo buscando alternativas para desafiá-los na superação de suas dificuldades.

Cândia (2006) afirma que na “[...] escola que acolhe, os estudantes devem ser respeitados em relação a suas diversidades (em diferentes dimensões), tendo-se em vista a complexidade do ser humano”. Podemos inferir que um dos aspectos do acolhimento é a sua dimensão inclusiva que só pode ser realizada através do diálogo entre educador e educandos. Pensando que a inclusão é acolher a diversidade humana, a diversidade vinda para a sala de aula com os educandos tem de ser traduzida na prática pedagógica, num fazer docente que

dialogue com quem são as pessoas daquele grupo e as suas particularidades.

Além das responsabilidades ligadas ao trabalho e à família, a escola também demanda muito tempo e energia dos jovens e adultos. Ser estudante da EJA não é apenas dedicar tempo para comparecer à escola para assistir às aulas. Estudar envolve muitos outros tempos e atividades: o tempo dedicado para preparar seu material para ir à escola, o tempo para revisar conteúdos em casa como preparação para a aula, o tempo para fazer as atividades propostas como “trabalho de casa”, o tempo para buscar materiais e outras leituras que complementem o que foi feito em aula, o tempo em deslocamento até a escola e depois até em casa, entre outras atividades complementares ao estudo feito na sala de aula.

Estudar demanda bastante tempo, algo que muitas vezes é muito reduzido no cotidiano de educandos jovens e adultos por terem prioridades maiores em suas vidas. O tempo que têm disponível, diversas vezes não é suficiente para o que a instituição escolar exige e cobra dos seus educandos para uma educação “de sucesso”. Isso pode resultar no abandono da continuidade do seu processo de educação por parte dos educandos que não conseguem conciliar a jornada de escolarização com a jornada de trabalho e de cuidados com a família.

Quando um educando não consegue fazer um “trabalho para casa” ou se preparar bem para a aula ou momento de avaliação, este é comumente julgado como alguém de pouco esforço e sua falta de preparo como um ato de desleixo. A escola é pensada para pessoas que podem se dedicar integralmente à sua educação, entretanto isso é muito raro quando tratamos de sujeitos jovens e adultos que possuem várias responsabilidades, muito trabalho e pouco tempo livre.

É preciso olhar para o que está além do educando, olhar para a pessoa, e isso é feito através do diálogo objetivando conhecer os educandos para pensar formas de flexibilizar e modificar as práticas pedagógicas buscando atender as necessidades e particularidades desses sujeitos. Nesse sentido, o acolhimento do educando com todas as suas vivências e características que o tornam o aluno “não idealizado” pela escola é fundamental para a sua permanência e para uma aprendizagem de qualidade, pois se a escola não acolher também os aspectos que podem dificultar a permanência do educando no ambiente escolar, ela não verdadeiramente vai acolher esse indivíduo.

Faz parte do ato de acolher, como nos diz Freire (1996, p. 134), ter disponibilidade à vida e aos seus contratempos que todos os dias irão adentrar as salas de aula da Educação de Jovens e Adultos juntamente com os educandos e os educadores. Não se pode esperar que a vida, que aquilo que acontece fora do mundo (ou dos muros) da escola, fique de fora do ambiente escolar. Aliás, aquilo que é próprio da vida também deveria ser próprio da escola

quando se quer acolher um educando. Entendo que o acolher não é pedir que alguém deixe de ser pessoa quando chega na sala de aula para ser educando, mas sim reconhecer e respeitar a complexidade e a pluralidade da sua existência, incluindo tudo aquilo que é tido como “conhecimento não escolar” e que são conhecimentos e oportunidades de aprendizagem dentro da sala de aula, tanto quanto são fora dela.

Acolher os educandos da modalidade da EJA é compreender as particularidades dos sujeitos jovens, adultos e idosos. É entender que, dentre a diversidade de pessoas e histórias de vida dentro da EJA, há algumas características mais comuns entre esses sujeitos e que são importantes de serem levadas em consideração no ambiente escolar para uma boa experiência educacional.

Predominantemente temos que os educandos da EJA são pessoas que têm suas vivências muito ligadas com o mundo do trabalho - ou trabalham, fora ou mesmo dentro de casa, ou são pessoas que já trabalharam por muitos anos em suas vidas (no caso dos idosos). Uma grande parte daqueles que atualmente exercem alguma profissão remunerada, precisam se deslocar uma grande distância todos os dias, passando grande tempo dos seus dias em deslocamento de casa para o trabalho e vice-versa.

Por causa do grande tempo dedicado ao trabalho em suas vidas, e da grande importância que ele ocupa nelas - pois é fator atrelado à sua sobrevivência e de suas famílias - comumente se observa que os educandos da EJA que trabalham possuem pouco tempo disponível além daquele dedicado ao seu emprego e às suas responsabilidades no ambiente familiar. Escolher dedicar seu tempo livre para sua educação, deveria ser uma ação valorizada e levada em consideração pela instituição escolar ao planejar e executar sua prática pedagógica.

Entretanto, temos a realidade de que o cansaço por conta de suas várias responsabilidades e atribuições é muito presente nesses sujeitos em sala de aula e o fato de muitos não conseguirem acompanhar as aulas por caírem no sono ou estarem mais sonolentos, é, por vezes, respondido com xingamentos e chamadas de atenção por parte dos educadores. É preciso compreender que muitos, quando chegam à aula já tiveram a sua energia utilizada ao longo do dia para o trabalho e que, mesmo assim, utilizam o resto de ânimo para estar no ambiente da escola construindo o seu percurso educacional.

Esses jovens e adultos chegam à sala de aula com uma carga de trabalho, esforço, de tarefas relacionadas à família, trabalho doméstico, e mesmo assim com toda essa carga e cansaço ainda enfrentam mais um turno, mais uma rodada de “trabalho” mental para focar no seu processo de aprendizagem. A instituição escolar que acolhe considera essa particularidade

dos sujeitos jovens e adultos na sua prática pedagógica, pensando em alternativas e possibilidades de flexibilização de certos ritos e organizações escolares a fim de possibilitar a sua permanência e o sucesso da sua aprendizagem.

Para além da particularidade ligada ao mercado de trabalho dos educandos jovens e adultos, temos também a particularidade relacionada à saúde dos educandos, sobretudo os idosos. Essas questões de saúde podem ser dificultadoras do processo de aprendizagem dos educandos se não forem consideradas pelos educadores ao planejar seu trabalho pedagógico no ambiente escolar. Dificuldades de aprendizagem relacionadas a problemas de saúde de visão e de memória, por exemplo, podem ser amenizadas pela ação docente quando são tidas em conta e podem se tornar obstáculos ao aprender do educando se ignoradas pelo educador.

Pensando as particularidades ligada à saúde dos educandos, sobretudo idosos, é preciso ter em conta

[...] que estão numa fase da vida em que os braços já não têm tanta força, em que os olhos já não enxergam tão bem, em que as pernas já não têm tanta firmeza e as condições financeiras não permitem que cheguem em casa e descansem, pois o trabalho do lar e o cuidado com a família ainda as esperam. Assim sendo, o acolhimento como princípio educativo é a condição que possibilita a esses sujeitos manterem-se na escola em estado de aprendizagem, percebendo-se como parte constitutiva da sociedade e, como tal, sujeitos de valor. (PEREIRA, 2017, p. 42)

A dialogicidade do trabalho em sala de aula produz o compartilhamento e o encontro de universos diferentes que habitam os atores escolares. Dessa forma, é preciso que a relação dialógica presente na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos esteja alicerçada no princípio do respeito à diversidade sociocultural daqueles sujeitos e entendendo que outros aspectos da vida dessas pessoas têm influência dentro da escola. Mais do que apenas isso, é preciso conceber que o que foi aprendido e vivido fora do ambiente escolar deve ser considerado e pode ser trazido para dentro dele como oportunidade de aprendizado.

5.3 Valorização de saberes extraescolares e de projetos de vida

A relação dialógica entre docente e educandos, baseada na observação atenta e escuta sensível por parte do educador, é grande parte do acolhimento dos educandos em sala de aula e tem a sua importância concretizada quando o que é descoberto incide no planejamento e na prática docente viabilizando aprendizados significativos para os educandos e com consequências reais para as suas vidas. É preciso ouvir para identificar saberes e projetos de vida dos educandos: primeiro identificar para assim poder valorizá-los. É preciso buscar realizar uma prática pedagógica planejada e feita para aquele grupo de pessoas e suas

necessidades e sonhos através da educação: considerar os "Projetos de Vida" dos educandos no planejamento e na prática docente é um aspecto importante para o acolhimento desses sujeitos em sala de aula.

Pereira (2017) defende que o acolhimento é, na Educação de Jovens e Adultos, condição necessária para a docência na modalidade, pois é impulsionador para a permanência de sujeitos que buscam diferentes objetivos e projetos de vida através da escolarização. Sendo assim, a valorização dos saberes extracurriculares e dos objetivos de vida, buscados pelos educandos através da escolarização, é parte do acolhimento na EJA como ação humanizadora e necessária do fazer pedagógico sendo este não “[...] somente um elemento que constitui a docência, mas também um princípio educativo que organiza a prática docente” (PEREIRA, 2017, p. 19).

Machado (2012, p. 37), em seu trabalho “Educação de Jovens e Adultos: encantamento e permanência” relata que, durante a realização de sua pesquisa, um dos aspectos mais destacados pelos educandos “[...] foi a vinda, ou o retorno, para a escola em busca do conhecimento, do aprender o necessário para viabilizar seus projetos pessoais futuros ou imediatos”. Mais uma vez é demonstrado como o acolhimento dos projetos de vida dos educandos é ponto central do acolhimento dos próprios sujeitos no espaço escolar.

Pereira (2017, p. 64) nos diz que “[...] buscar o acolhimento como princípio educativo é retomar a história pessoal de cada estudante da EJA como possibilidade de refazê-la, trazendo a ela emancipação social e intelectual”. Colocar os projetos de vida dos educandos como maior objetivo e objeto do trabalho desenvolvido dentro da sala de aula é exercer na prática uma educação acolhedora e, por isso, transformadora, crítica e libertária: é dar sentido para o processo de ensino-aprendizagem através do universo de cada sujeito que se encontra como educando na Educação de Jovens e Adultos.

A finalidade da educação acolhedora deve ser fazer com que estar na escola seja um prazer, uma alegria e uma realização, e não apenas suprir uma necessidade apresentada pela vida na nossa sociedade. Aprender algo quando podemos ver significado e uso para o conhecimento é perceber que a educação realmente pode nos dar as ferramentas para transformar nossa realidade e por isso é condição primordial para um futuro melhor.

A escola não é o único lugar em que construção de conhecimentos e aprendizagens acontecem. Dessa forma, mesmo um educando que chega à instituição escolar sem nunca ter passado por um processo de escolarização, tem conhecimentos construídos nas suas experiências vivenciadas. Esses saberes são, muitas vezes, difíceis de serem reconhecidos como tais, pois há uma real dificuldade dos sujeitos de abstrair e descolar esse conhecimento

da experiência enxergando que há um saber - um conhecimento - envolvido ali. Há ainda o componente da desvalorização do sujeito daquela experiência - geralmente por ser um trabalho menos prestigiado na nossa sociedade - e logo há uma desvalorização do saber advindo dessa vivência.

Não é incomum que os educandos da EJA tenham conhecimentos de diferentes áreas de conhecimento, entretanto quando deparados com eles no ambiente escolar, apresentam dificuldade em conseguir traduzi-los para essa forma escolarizada. O ato docente de acolher os saberes adquiridos pelos educandos em contexto anterior à chegada na classe da EJA é uma prática pedagógica que promove a autonomia e autoria e incide de forma positiva na autoestima dos sujeitos, pois assim sentem que seu saber é valorizado e levado em consideração pela escola.

Acolher os educandos da EJA é também acolher os seus desejos e sonhos com a educação: desejo de ler e escrever, de fazer contas, de obter certificação, de vivenciar novamente a escola, entre outros tantos possíveis. Afinal, conhecer o que os alunos objetivam com seu processo de educação, e direcionar a prática pedagógica no sentido de alcançarem isso, é proporcionar uma aprendizagem cheia de significado e de importância e, por isso, com muito mais chances de ser bem-sucedida.

Uma Educação de Jovens e Adultos acolhedora, acolhe os sonhos dos educandos, ao mesmo tempo que incentiva que eles tenham sua visão de mundo ampliada, tendo uma visão mais crítica, e que assim, possam querer outras coisas partindo da leitura de mundo que vão construir durante seu processo de aprendizagem vivenciado no meio escolar. Ao mesmo tempo que podemos objetivar uma ampliação na leitura de mundo feitas pelos educandos, também é possível considerar suas visões de mundo válidas ao trazê-las para a sala de aula mostrando que são relevantes e que suas realidades têm espaço na sala de aula, na escola.

Acolher os educandos da modalidade da Educação de Jovens e Adultos é considerar seus saberes extraescolares, dar significado àquilo que estão aprendendo na escola, demonstrar que seus conhecimentos de vida - construídos fora do ambiente escolar - têm valor para a EJA e para seus processos de aprendizagem dentro do ambiente escolar. Ao considerar e valorizar o saber de experiência feito (FREIRE, 1996) dos educandos é possível trabalhar sua autoestima e dar significado à sua aprendizagem.

Dessa forma, o primeiro passo para trabalhar com os saberes feitos dos educandos é investigar quais são esses conhecimentos e planejar de que forma eles podem ser trabalhados dentro da escola de modo a contribuir e enriquecer seus processos de aprendizagem. Esse ato é muito importante para visualizar que muitos jovens e adultos já possuem saberes que são

ensinados na escola, entretanto ainda não estão traduzidos em um formato específico do meio escolar.

5.4 Autonomia e autoria

Por fim, dentre os aspectos que compõe o acolhimento dos educandos no espaço escolar, temos a autonomia e a autoria como ponto chegada depois do estabelecimento do vínculo entre educador e educando, do diálogo sendo base para essa relação e da valorização dos saberes e dos projetos de vida dos educandos no trabalho pedagógico feito em sala de aula. É necessário que o acolhimento promova os aspectos antes mencionados para ser possível resultar na autonomia dos educandos dentro do espaço e das práticas escolares, na autoria de cada sujeito no seu processo de aprendizagem e na promoção da autoestima de cada jovem e adulto que faça parte do coletivo.

Pensando numa sala de aula acolhedora “[...]deve haver espaços para discussões e reflexões entre professores e estudantes sobre as regras de convivência e posturas a serem adotadas por ambos, na organização das rotinas escolares” (CÂNDIDO, 2006). A discussão e a reflexão sobre regras de convivência e rotina escolar com os educandos, é de máxima importância para um projeto de educação com construção coletiva, pois demonstra que os sentimentos e pensamentos dos sujeitos daquela educação são importantes e são consideradas naquele ambiente que é pensado para eles e com eles.

A autonomia do educando no espaço escolar só é possível de ser trabalhada quando os educandos se sentem pertencentes àquele lugar e autorizados a emitirem opiniões, proporem mudanças e expressarem seus sentimentos em relação à instituição de ensino. Comumente constatamos que “a voz dos aprendentes pouco é ouvida quando da elaboração dos currículos. Sua fala pode colocá-los no ambiente participativo onde se estabelecem as relações de aprendizado, indicando pertencimento [...]” (MACHADO, 2012, p. 55).

Dessa forma, trabalhar a autonomia e autoria dos educandos no espaço escolar é acolher suas visões de mundo, suas vozes e suas opiniões e incentivar que eles sejam os sujeitos e atores principais do seu processo de aprendizagem. Isso é materializado através de uma relação docente-discente baseada no respeito, no acolhimento e na afetividade:

[...] as relações de interferência feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, necessitam ser continuamente permeadas por sentimentos de simpatia, acolhimento e respeito, além de aceitação, compreensão e valorização do outro. Tais considerações não só apontam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua autoimagem, beneficiando a autonomia e fortalecendo a certeza em suas competências e determinações (NUNES, 2011, p. 27-28)

O conceito de pertencimento também aparece no texto de Cândido (2006) como sendo necessário de ser resgatado pelos sujeitos escolares. O sentimento de pertencer a algum lugar, como sentir-se parte e importante dentro de um coletivo, gera um senso de responsabilidade e de zelo por aquele ambiente, isto é, de ser autor daquele coletivo também.

A autonomia e a autoria são conceitos importantes para o acolhimento, pois trabalhar com o poder de decisão, de escolha, de ação e modificação da realidade por parte dos educandos é colocar na prática o princípio da educação crítica e transformadora da realidade. Combinações coletivas sobre normas de convivência, autonomia para sugerir temáticas a serem trabalhadas, para trazer materiais que possam ser vistos e debatidos pelo coletivo, liberdade para transitar pelo espaço escolar, entre outros, são exemplos de ações que trabalham para o acolhimento do educando no espaço escolar através da sua autonomia e autoria.

Cândido (2006) diz que

a escola que acolhe também se preocupa com sua estética, acolhendo os estudantes, professores, funcionários e pais em espaços físicos limpos, cuidados e organizados onde toda comunidade escolar é envolvida e responsável por sua preservação (educação ambiental).

Acrescento sua fala pensando especialmente o espaço físico da sala de aula. Acredito que o cuidado e organização do espaço físico de uma sala de aula têm a potência de gerar bem-estar e valores importantes para os educandos se pensado com esse fim. Pego como exemplo, mudar a disposição das mesas e cadeiras colocando os educandos em grupo. Este simples ato, mas com intencionalidade, juntamente a intervenções e propostas pedagógicas do docente, pode levar a uma convivência com maior compartilhamento de conhecimentos e de interação entre os educandos. Sendo assim, podemos pensar o espaço físico da sala de aula, sua estética e organização, como potencializadores e possibilitadores do acolhimento dos educandos naquele espaço.

A forma de avaliação escolhido pelo docente também tem peso quando pensamos principalmente na autoestima dos educandos, mas também na sua autoria e autonomia. Privilegiar a autoavaliação dos educandos, ensinando-os a reconhecer, perceber e avaliar o seu próprio processo de aprendizagem, reconhecer e comemorar seus avanços e conquistas, é fundamental para o sentimento de auto apreço de cada estudante acabando por influenciar o seu sentimento de bem-estar e de acolhimento na instituição escolar.

Para acolher os educandos, é essencial não reforçar práticas escolares que preguem a submissão do aluno ao professor, mas que tenham como concepção fundamental o educando

como sujeito ativo e autoral da sua aprendizagem. O foco da sala de aula não deve estar no professor como detentor de todos os conhecimentos. Pelo contrário, é importante para o acolhimento dos educandos reconhecer os saberes que eles possuem e assim promover momentos em que eles possam demonstrar seus saberes e, assim, ajudar uns aos outros nesse processo de construção de conhecimentos. Momentos que valorizem e enfoquem o que cada educando construiu em sala de aula e já aprendeu, momentos que eles possam mostrar isso para a turma, são de grande importância para o acolhimento desses sujeitos e para a consolidação da sua autoestima.

6 O ACOLHIMENTO NO CONTEXTO ESCOLAR DA EJA

6.1 Sobre a instituição observada

Os dados coletados, analisados e produzidos aqui vieram a partir da observação participante da pesquisadora durante período de observação para estágio curricular obrigatório de conclusão de curso que ocorreu no período do mês de agosto do ano de 2022 numa escola municipal de Porto Alegre que aqui será chamada de Escola das Flores com o intuito de preservar o anonimato dos sujeitos envolvidos. A produção de dados foi feita com o intuito de identificar práticas e elementos do acolhimento em momentos vivenciados pelos educandos da Educação de Jovens e Adultos dentro dessa instituição educacional.

A instituição de ensino aqui observada atualmente atende cerca de 900 educandos advindos da classe trabalhadora. O seu funcionamento acontece nos três turnos atendendo educandos que se deslocam de diferentes bairros de Porto Alegre, pois devido a sua localização central - próxima à grandes avenidas - a vinda de diferentes pontos da cidade acaba sendo facilitada. A oferta de ensino nos três turnos, e não apenas à noite como outras escolas municipais, facilita o acesso de mais pessoas às classes de EJA, como jovens e idosos, e não apenas adultos trabalhadores.

O outro diferencial da Escola das Flores é justamente o seu atendimento às pessoas com deficiência, pois outras escolas municipais não têm o auxílio da Sala de Integração e Recursos (SIR) no turno da noite - horário no qual as turmas de EJA são oferecidas pela grande maioria das escolas municipais. Há uma tendência de outras escolas encaminharem educandos jovens e adultos com deficiência para essa escola por haver esse suporte e apoio pedagógico.

Nos horários extraescolares, são ministrados cursos ou oficinas - para os educandos e para a comunidade ao redor da Escola - e acontecem atendimentos de SIR, Laboratório de Aprendizagem e Psicopedagogia. Além dos horários extraescolares, os cursos e oficinas ocorrem todas às sextas-feiras nos três turnos, por ser o dia da semana reservado à reunião dos professores para planejamento pedagógico. Os educandos escolhem o curso ou oficina que desejam para complementar a sua carga horária escolar.

Ao analisar as páginas da Escola das Flores nas redes sociais Facebook e Instagram podemos constatar que a sua atuação é bem presente e que a escola mantém uma relação de abertura e de convite à comunidade. É possível ver uma instituição escolar que procura manter uma relação próxima e dialógica com a comunidade ao seu redor, utilizando o meio da

internet para construir esse vínculo também. Além disso, é frequente o registro através de fotos e vídeos das atividades que acontecem na escola dando destaque às ações dos educandos e nas suas vivências no ambiente escolar.

A Escola das Flores é uma instituição escolar baseada na educação popular e nos princípios mais fundamentais da EJA como a educação ao longo da vida, o respeito às singularidades do público da EJA e outros. A escola demonstra uma preocupação e uma prática pedagógica voltada para o acolhimento dos educandos dentro da escola e de acolhimento dos moradores da comunidade ao seu redor.

6.2 Acolhimento Inicial

O acolhimento dos educandos na sua instituição de ensino pode acontecer desde o momento de sua chegada àquele local ainda na entrada da escola. Pude observar isso em diferentes dias ao chegar mais cedo do que o horário de entrada para a sala de aula na Escola das Flores.

A partir da observação das interações e relações que ocorrem no espaço educacional aqui relatado, é possível entender que o acolhimento dos educandos não acontece só por interações com seus educadores, mas também ocorre com trocas com outros educadores que compõem a escola: monitores, funcionários, equipe de diferentes setores do espaço educacional e que se relacionam com os educandos que o frequentam. Nos relatos de observação aqui escritos me refiro como educador a todo aquele que atua no espaço escolar e que ensina algo àqueles que estão matriculados em atividades de ensino naquele espaço, seja ele graduado na área da educação ou não.

No dia de retorno às aulas - ou de entrada na escola para alguns - esse entendimento se materializou. Observei a atuação e a postura de diferentes educadores ao receber os educandos na escola.

Os educadores faziam o movimento de ir até os educandos que esperavam pela abertura do portão questionando como haviam sido as férias, como eles estavam, dizendo que sentiram saudades - sentimento esse que também era verbalizado pelos educandos em relação à escola e aos educadores - e os convidavam para tomar café no refeitório dizendo o que havia para ser consumido naquele dia. Entre questionamentos “Como tu tá?”, “Como foi de férias?” e desejos de “Bom dia!” e “Bom café!” temos a demonstração de interesse e de cuidado por parte dos educadores com os educandos que vão chegando. O ato de chamar pelo nome, perguntar como está e como esteve nesse período de afastamento mostra o vínculo entre educador e educando e a proximidade entre eles.

O fato de haver educadores prontos a receber e a encaminhar os educandos para onde deveriam ir nesse primeiro dia, demonstra uma preocupação e cuidado da escola pensando em como melhor acolher os educandos que retornam à ela ou que chegam pela primeira vez, quando a rotina da escola ainda não está estabelecida por ser início de um novo semestre e quando eles necessitam de um maior direcionamento de como o trabalho será feito.

Algo que chama muito a atenção é a distribuição de máscaras para todos os alunos e o oferecimento de álcool gel¹ também, durante o momento de registrar o nome e a turma do educando que chega à Escola das Flores. O cumprimento e o rigor nessa medida de proteção, no qual o espaço escolar recomenda o uso correto e oferece o item aos educandos, também, demonstra a preocupação e o zelo pela sua segurança enquanto estiver no ambiente escolar.

Esses movimentos se repetiram nos outros dias que observei, com a mesma constância e carinho, parecendo ser uma prática comum e rotineira da escola. Podemos encontrar elementos de acolhimento presentes nessa prática e interação como a presença de um vínculo, de uma relação dialógica e de afetividade nas falas e ações dos educadores que eram respondidas da mesma forma pelos educandos.

Ainda nessa primeira semana de retorno ou de chegada à escola, foi realizada uma reunião com todos os educadores e educandos no átrio do edifício objetivando ser um momento de recepção aos educandos. Destaco aqui falas dos educadores e práticas que demonstram o acolhimento dos educandos na prática pedagógica da Escola das Flores.

Uma educadora começou a reunião falando aos educandos que esse momento inicial foi pensado "*[...] pra vocês se sentirem acolhidos e saber que a gente estava esperando por vocês.*". Ainda acrescentou: "*Todos aqui estão aqui pra vocês, [...] todos aqui cuidam dos alunos: professor, diretor, coordenador, monitor. [...] O que vocês precisarem, estaremos aqui pra ajudar vocês.*". Essa fala, colocando todos os educadores e toda a equipe da escola à disposição dos educandos revela carinho, cuidado e responsabilidade por parte da escola com seus educandos.

Outro educador continua esse momento de conversa com os educandos falando sobre a importância dos sonhos. Ele começa pedindo que eles visualizem seus sonhos e que mesmo com muitas coisas fugindo do nosso controle, é preciso nos colocar em movimento para ficar mais fácil alcançá-los. O educador continua ressaltando a importância dos sonhos e do afeto uns com os outros:

¹ Ato relacionado ao contexto da pandemia de COVID-19 iniciado no início do ano de 2020 no Brasil.

“[...] Precisamos sonhar juntos. Precisamos de abraço. Precisamos abraçar uns aos outros, ter cuidado com o outro. Que a gente olhe pro outro que tá ali passando fome. E essa fome, muitas vezes, é fome de afeto. [...] Cada um de nós tem um compromisso ético com o outro, com o ser humano pra que a gente possa fazer parte da construção desse mundo melhor”.

Essas falas transcritas acima incentivam que os educandos tragam seus sonhos, projetos de vida, e a sua afetividade para dentro da escola, que eles são importantes e que são considerados dentro desse lugar. A valorização dos projetos de vida dos educandos se configura como um componente do ato de acolher na EJA.

Os educadores que falaram nesse momento inicial de boas-vindas, se mostraram atentos às manifestações dos educandos, dando espaço para suas falas e intervenções, e sempre contextualizando o que eles disseram e expressaram em sua fala seguinte. Esse movimento é muito importante para demonstrar que o que os educandos falam tem peso e é considerado pelo ambiente escolar. Pensando na importância desse movimento feito pelos educadores, compreendo que

[...] a relação entre professor e aluno está amarrada, essencialmente, no clima constituído pelo professor, na relação empática com seus alunos, na sua competência de ouvir, pensar e debater o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre a sua informação e a deles (NUNES, 2011, p. 16).

Uma educadora começou sua fala desejando boas-vindas aos educandos. Logo em seguida, falou sobre a limpeza feita pelos funcionários em todo o espaço da escola, especialmente nas várias salas que a compõem, e fez um pedido de conservação do ambiente: *"Tudo isso aqui é nosso"*. Ela complementa dizendo que esse primeiro momento é uma aula aberta, coletiva, para acertar questões sobre a rotina do ambiente escolar.

Discutir as normas e combinações acerca do cotidiano da escola é uma forma de acolher, pois leva em consideração as opiniões dos educandos sobre a organização do dia a dia. Além disso, também incentiva a sua autoria naquilo que é combinado com o coletivo.

Dessa forma, foi feita a entrega de folhas com regras de convivência da escola para todos os presentes no átrio. A educadora que estava com a fala naquele momento, justificou as regras:

Porque ninguém gosta de estar num lugar bagunçado. [...] Carinho, respeito, também passam por organização [...] e também por limite [...]. A gente estabelece essas coisas também por carinho e respeito a vocês. Pra vocês sempre encontrarem esse espaço sempre organizado e pronto pra vocês.

Esse momento ocorrer justo no início do semestre é muito simbólico e importante, pois “vencendo a etapa da chegada, com boa acolhida, o estabelecimento de relações, por mais conflitos que possam existir, ou não, reforça o sentido de pertencimento, colaborando com a integração social e cognitiva do aluno” (MACHADO, 2012, p. 37).

Durante o momento inicial coletivo, alguns educadores ficaram tirando fotos dos educandos e educadores, fazendo registros desse acontecimento. No mesmo dia, essas fotos podiam ser vistas nas redes sociais - Facebook e Instagram - da Escola das Flores, com descrição do momento vivenciado. Esse hábito de registro das vivências dentro do espaço escolar são frequentes pelo que pode ser observado dentro da Escola, também nas suas redes sociais.

Acredito que esse ato de fotografar, registrar, momentos vivenciados no espaço educacional, principalmente pelos educandos, é uma boa maneira eficiente de demonstrar a caminhada da escola e dos seus sujeitos, colocando-os em papel de protagonistas daquilo que ocorre naquele lugar. Dessa forma, isso faz parte do acolhimento ao trabalhar a autoria dos educandos ao se verem como criadores e parte dos acontecimentos no espaço educacional, pois “quando nos sentimos fazendo parte e construindo coletivamente a caminhada em um ambiente de ensino acolhedor, sedimentamos o ‘estar presente’ e, dificilmente, vamos querer abandonar o caminho” (MACHADO, 2012, p. 20).

O registro fotográfico também pode ser instrumento de autoavaliação dos estudantes e da equipe docente da escola. Poder olhar “de fora”, com um certo distanciamento, é uma oportunidade de avaliar o que foi construído e vivido até aqui e de visualizar o quanto foi transformado e aprendido.

Durante esse momento de “boas-vindas” aos educandos, houve diversos momentos em que eles, se sentindo à vontade para isso, foram até a frente falar seus sentimentos e pensamentos sobre a escola e sobre a volta a ela depois das férias. Destaco aqui duas falas de educandas durante esse momento inicial de boas-vindas que penso ter ligação com o acolhimento relatado por elas e vivenciado nesse ambiente escolar.

Uma educanda idosa em dado momento se levantou e pediu a palavra:

*Agradecer todos os professores [...] Todos os professores que me ensinaram e **me acolheram**. Vi os vídeos dos nossos colegas que se formaram e achei lindo. E que todos nós possamos nos formar esse ano. O estudo é tudo na vida. Abre portas... Emprego... O sonho de trabalhar. [...] E todos vocês os professores me ensinaram a vida. Eu era uma pessoa que eu só vivia pra cuidar do meu esposo em casa. Hoje não. Hoje eu acordo todo dia de manhã e venho pro colégio*

porque eu preciso estudar. Eu quero estudar. Pra ir pra uma faculdade. É o meu sonho. Obrigada a todos.

O acolhimento dos professores é ressaltado na fala da aluna que também complementa falando que eles lhe ensinaram a vida, pois anteriormente vivia “só para cuidar” do esposo em casa, mas agora tem o projeto de vida, o sonho, de ir para uma faculdade. Essa declaração é muito marcante, pois demonstra que, para aquela educanda, a educação recebida na Escola das Flores é maior do que apenas conteúdos escolares, mas abarca a vida e fez com que ela agora tivesse um sonho, um objetivo, para seguir e realizar.

A partir do relato da aluna, podemos inferir que, em muitos casos, a EJA tem a potencialidade de ampliar a leitura de mundo dos seus educandos, também ampliar seus projetos de vida. No caso dessa educanda, o fator gênero é algo que poderia limitá-la apenas ao trabalho doméstico e no cuidado com seu companheiro. Estar num ambiente educacional que valoriza seus educandos dizendo e mostrando que são capazes de aprender e que apresenta possibilidades a eles que o senso comum não trata como sendo possíveis para o grupo social que fazem parte, faz com que essas pessoas se sintam acolhidas pela escola e, mais ainda, as liberta para novas vivências que antes não eram apresentadas a eles: o ensino superior, a exemplo disso.

Outra educanda, uma mulher de meia idade, também mencionou o acolhimento vivenciado na Escola das Flores:

*Quem não gosta com carinho o acolhimento... Tô até emocionada. Aqui [...] tem **acolhimento** e tem carinho né. Até as dificuldades do outro que tu não vivenciava tu começa a ter simpatia e conhecimento e começa a fazer dessas pessoas... passam a ser amigos [...] Entrei em contato com professores pra dizer que eu estava com saudades, e é verdade. E agora em setembro eu vou fazer setenta anos e meu sonho é continuar e eu vou continuar. Graças a minha passagem aqui. Eu vou tirar turismo. Vou voltar [...] pra convidá-los para minha colação em turismo. Gratidão professores e colegas e amigos. Que vocês foram uma aprendizagem pra mim. Obrigada.*

Na fala da aluna, ela destaca o acolhimento, também o carinho presentes na Escola das Flores. Como já tratado anteriormente neste trabalho, o afeto é componente do ato de acolher, dessa forma, as duas coisas estão interligadas na prática pedagógica da mesma forma como na fala da aluna.

A afetividade e o vínculo construídos através da relação educador-educando traz a questão central de que é preciso

[...] refletir sobre o papel do professor na vida do aluno e sobre como pode influenciá-lo de forma positiva ou negativa. Compete ao professor enxergar o aluno como um ser único que necessita aprender, mas acima de tudo é preciso compreender que é imprescindível amor, afeto e respeito para que isso ocorra (NUNES, 2011, p. 11).

Assim como na fala de uma educanda aqui já mencionada, a aluna liga sua vivência na Escola das Flores como impulsionadora de fazê-la buscar a formação no ensino superior. Novamente temos o indício de que a Educação de Jovens e Adultos têm a potencialidade de apresentar possibilidades, como o ensino superior, para pessoas que nunca haviam sido incentivadas a isso, a pensar e ter escolhas e nunca haviam sido acreditadas como capazes de ocupar lugares como esse.

Os educandos que levantaram para falar ao coletivo nesse momento de “boas-vindas” estavam se sentindo muito à vontade, como se isso fosse uma prática recorrente nessa escola. Eles demonstravam gostar de falar e emitir seus pensamentos e emoções para outras pessoas ouvirem e pareciam não sentir medo ou insegurança em como seriam recebidos. Acredito que isso seja resultado de um trabalho calcado no acolhimento, na autonomia e autoria dos educandos, pois é preciso se sentir seguro e confiante para falar para muitas pessoas aquilo que se pensa, sendo esses sentimentos resultado de um processo de acolhimento no meio escolar.

Ainda na primeira semana de aulas do segundo semestre, houve um momento em que todos os educandos foram convidados a dar entrevistas para os educadores com o intuito da Escola conhecer melhor seus alunos e assim, poder planejar melhor o trabalho pedagógico que será realizado, de forma a ser mais relacionado e de acordo com os educandos.

A ação de entrevistar os educandos demonstra o interesse da escola em conhecê-los e fazer um trabalho pensado a partir deles. É importante destacar que o momento do ano em que isso é feito é muito oportuno também - no início do segundo semestre - pois fazendo isso agora, mostra que as informações coletadas realmente poderão auxiliar no planejamento pedagógico da Escola, aproximando as necessidades, desejos e singularidades dos educandos ao trabalho realizado no espaço escolar.

Pensando que um dos componentes do acolhimento identificado neste trabalho é a valorização de saberes e projetos de vida, as entrevistas feitas com os educandos é um ato de acolhimento, pois objetiva, a partir das informações coletadas, fazer um trabalho pedagógico mais interligado com os educandos que estão habitando essa escola agora.

6.3 Acolhimento no cotidiano escolar

Observando e acompanhando em especial uma turma da Totalidade Inicial da EJA pude perceber o acolhimento acontecendo no cotidiano escolar e em diferentes espaços dentro da escola. É importante ressaltar que o acolhimento pode acontecer entre educador e educando e pode também envolver outros agentes do ambiente escolar.

Na turma aqui observada, o trabalho para casa é enviado no último dia que a professora titular tem contato com a turma na semana. Nesse momento a educadora apresenta a proposta de atividade e explica de que forma ela deve ser feita, através de exemplos e de fazer parte dela com alguns educandos de acordo com as necessidades de cada um. Num desses momentos pude observar o seguinte diálogo:

“Profe, tu vai mandar tema de casa?”

“Vou, mas vai ser bem tranquilinho! Porque o momento de se descabelar é aqui com a gente presente.”

Noutro momento observei que o trabalho para casa enviado pela educadora consistia em revisar um alfabeto individual construído com o auxílio da professora com palavras escolhidas por cada educando. Essa revisão, como disse a professora, poderia ser só 15 minutos de ler e lembrar o que havia escolhido. O tempo breve para fazer o trabalho para casa está de acordo com o tempo disponível que os alunos têm, de acordo com aquilo que é verbalizado por eles sobre as suas rotinas em casa.

A iniciativa da educadora de propor atividades dentro das possibilidades dos educandos em relação ao tempo e às suas dificuldades é uma estratégia de acolher através da afetividade, pois adaptar “[...] a tarefa às possibilidades do aluno, prover meios para que alcance a atividade acreditando em sua competência, demonstrar atenção às suas dificuldades e problemas, são atitudes bastante apuradas de convívio afetivo” (NUNES, 2011, p. 24).

O acolhimento veio na forma de entender o tempo reduzido que os alunos jovens e adultos têm para dedicar ao estudo em casa e de entender que esse é um momento em que eles se encontram sozinhos e sem o auxílio da docente, dessa forma, a atividade proposta para ser feita em casa não pode ser algo “desafiador” e que crie uma insegurança e frustração. Este deveria ser um momento de lembrar conhecimentos que foram construídos em sala de aula com a educadora.

Durante um momento de exploração em sala de aula, a educadora perguntou algo para a turma. Um dos educandos respondeu de forma errada ao que a professora fez uma piada e seguiu-se o riso do aluno e de toda turma. Após esse momento, a professora retomou a

situação: *“Isso é bom viu [...]. Quando a gente fala o que a gente tá pensando, os colegas que já nos conhecem, ajudam a gente a repensar”*.

A professora acolheu o educando que se deparou com uma situação de exposição do seu erro diante da turma, buscando se dirigir a ele logo após o ocorrido com afeto e de forma a positivar o acontecido. A atitude da educadora de tornar esse momento em algo descontraído e positivo - pois, de acordo com a fala da professora, oportunizou um momento de “repensar” a hipótese que estava na mente do aluno - fez com que o erro não fosse encarado como algo para se envergonhar e ser temido pelos educandos, impedindo que eles fiquem retraídos e com medo de errar.

Ver o erro como caminho para construir o acerto é fundamental para construir um ambiente acolhedor na sala de aula, pois dentro da convivência entre educador e educandos é preciso que os alunos tenham a segurança de que o seu erro não será punido e motivo de constrangimento para que eles ousem aprender sem medo.

Durante uma aula, uma educanda estava com os braços em cima da mesa e a sua cabeça baixa deitada entre eles. Nisso, a educadora, que já havia percebido que a jovem estava sonolenta naquele dia, aproximou-se: *“Tá com sono?”*. A educanda balança a cabeça. A educadora então sugere: *“Quer dar aquela caminhadinha básica pra acordar?”*

A aluna aceitou a sugestão da docente e quando voltou à sala, ficou um tempo do lado de sua mesa em pé até sentar-se, parecendo mais disposta. Em outros momentos daquele dia, a educanda continuou demonstrando cansaço e sono. Nesses momentos, a professora ia até ela - com a cabeça deitada sobre a mesa - e chamava seu nome colocando as mãos delicadamente sobre seus braços.

Naquele dia, outra educanda em alguns momentos acabou adormecendo levemente na sala. Nesses momentos a educadora percebendo chamava o nome da aluna: *“Cochilou?”*. A educanda riu e explicou *“Ai é os remédios que eu tô tomando. Dá muito sono”*. A professora fez uma fala: *“Não precisa ficar com vergonha viu. A professora chama assim como eu chamo a colega. E, às vezes, quando a professora só fica falando dá sono mesmo.”*

A educadora acolheu a realidade do presente dos educandos - naquele dia estavam com sono, qualquer que fosse a razão - e ofereceu uma alternativa, uma estratégia (levantar e dar uma caminhada fora de sala), para que ficassem mais despertos e pudessem continuar participando da aula de forma significativa. Isso foi feito através de uma relação de respeito e afeto entre educadora e educandos partindo das falas carinhosas da docente e do fato de não haver qualquer represália ou intuito de constranger os alunos por causa dos momentos que acabaram dormindo em sala.

A ação da docente revela empatia e delicadeza ao entender que o cansaço em aula é uma particularidade presente em muitos sujeitos da EJA e que eles, que apesar disso, enfrentam o desafio de estar na sala de aula como educandos mais uma vez. O cansaço em sala de aula não é uma situação ideal, mas é muito corriqueira nas salas de aulas: fato que a educadora demonstra reconhecer ao falar que, em momentos que o docente realiza uma exploração oral mais demorada, é muito comum gerar o sono nos educandos.

Para bem acolher os educandos no ambiente educacional, é preciso criar maneiras de driblar os efeitos do sono nos educandos e de valorizar a presença deles na sala de aula naquele momento. Isso deve ser feito sem envergonhá-los ou culpabilizá-los por algo inevitável e não intencional criando um vínculo baseado no respeito e no afeto entre educador e educando.

Numa das aulas observadas, a educadora foi conversando com os educandos em como eles se sentiam na volta à escola depois da pandemia e das férias. A professora verbalizou que algumas pessoas estão se sentindo mais cansadas ao fazer coisas bem leves, dessa forma, é importante ir reconhecendo isso e respeitando os diferentes tempos de cada um. A educadora também afirmou que era preciso “[...] *nos livrar dessa ideia de corpo ideal, porque cada um é um [...] o nosso olhar deveria ser mais voltado para os acertos do que para os erros*”.

Houve a fala de uma educanda, já com idade bastante avançada: “*Eu tô com um problema gravíssimo na minha perna*”. A professora assentiu: “*Sim*”. “*Eu fiquei afastada 15 dias tomando remédio, lembra?*” “*Sim, lembro sim*” “*Ai vai ter que ter paciência comigo porque eu tô caminhando muito mal*”, a aluna nisso riu acompanhada da professora e colegas: “*Não tem problema. E a senhora vai ter que ter mais paciência consigo mesma, viu?*”.

A educadora lembrou os educandos da atividade feita no início do semestre, em toda a Escola, de entrevistas com os educandos para conhecê-los melhor e planejar o semestre a partir das informações coletadas. Então, ela disse que a aula desse dia seria usada para fazer um levantamento sobre o que os educandos pensam sobre a matéria.

A partir da investigação do que os educandos lembravam do primeiro semestre, do que haviam gostado e/ou não e do que gostariam que fosse trabalhado nesse próximo semestre, a educadora mapeou os interesses e gostos dos educandos.

A fala do docente sobre respeitar o tempo de cada um, de não ter a ideia de um corpo ideal assim como o ato de perguntar sobre as férias de cada e sobre o que gostam/não gostam na sua aula e o que gostariam de experienciar neste semestre são práticas que promovem o acolhimento dos educandos. O vínculo com os educandos, demonstrado em suas falas contendo conhecimento sobre as vidas deles, o respeito ao tempo e as particularidades de cada

um, o afeto demonstrado nas interações e o interesse em ouvi-los foram aspectos do acolhimento presentes na prática da docente em sala de aula e contribuíram para o bem-estar dos alunos naquele espaço.

No final de um intervalo, quando os educandos estavam esperando a professora para entrarem novamente em sala, ocorreu um desentendimento entre dois alunos. A discussão entre eles chamou a atenção dos outros educandos quando aconteceu um empurrão entre eles. Nessa hora, os outros alunos se aproximaram para acalmá-los e entender qual tinha sido o motivo da briga.

Quando entenderam que a discussão estava longe de ser resolvida, os alunos à volta começaram a sugerir que os dois se encaminhassem para conversar com o SOE da escola e resolver a situação. Diante da recusa deles, os outros educandos chamaram educadores da equipe de orientação educacional que vieram encaminhá-los para sua sala a fim de conversar e solucionar o desentendimento entre eles.

Temos aqui uma situação de acolhimento dos educandos por outros educandos, também pela equipe docente da Escola. Os educandos que acalmaram os que estavam envolvidos na briga tiveram afeto e dialogicidade para não apenas observar o conflito evoluir para algo mais sério, mas procurar acalmar os envolvidos para que pudessem resolvê-lo.

O SOE da Escola parece estar habituado a intervir e mediar conflitos que acontecem nesse espaço: esse trabalho parece ser feito com tanto sucesso que até mesmo os outros educandos, que auxiliaram no conflito, já sabiam dessa ferramenta para resolver desentendimentos no ambiente educacional. E por fim, tivemos também a educadora que estava responsável pela turma que também conversou com os educandos envolvidos na briga e depois explicou para a turma o que havia acontecido, frisando que esses acontecimentos são comuns e que para resolvê-los é preciso o diálogo.

Nessa situação, observamos o acolhimento se manifestar pela presença de dialogicidade para solucionar o conflito e a presença de vínculo entre a equipe pedagógica da Escola e seus educandos, que já conhecem e confiam nas ferramentas dispostas para solucionar desentendimentos que ocorrem no espaço educacional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os princípios políticos pedagógicos que direcionam a Educação de Jovens e Adultos, o acolhimento dos educandos deveria ser considerado e pensado como um deles. A justificativa para tanto é a fundamentalidade do acolhimento para uma boa experiência educacional dos educandos no ambiente escolar.

Pensando todas as particularidades dos educandos da EJA, aqui abordadas, é possível entender que uma prática pedagógica calcada no acolhimento pode ser produtora de bons sentimentos e neutralizadora dos desafios e obstáculos enfrentados pelos educandos no ambiente escolar e dificultadores ao sentimento de segurança e de bem-estar nesse mesmo espaço.

Os educandos da EJA, sujeitos esses que - muitas vezes - têm suas vivências educacionais anteriores marcadas pela exclusão e fracasso, por suas características de grupo, necessitam do olhar docente voltado para acolhê-los na escola. Esse movimento se torna central para a sua permanência e para a qualidade de seus processos e vivências de aprendizagens.

Sendo possível identificar os aspectos que fazem parte do ato de acolher e sendo constatada a importância do acolhimento dos educandos da EJA para terem uma aprendizagem significativa e de qualidade, devemos como docentes, e como agentes escolares, nos colocar na busca para atingir esse objetivo na nossa prática pedagógica dentro do ambiente escolar.

Há urgência de considerar o acolhimento como elemento central no planejamento da prática pedagógica de uma escola na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Entendo que planejar e abarcar na prática pedagógica um conceito subjetivo como o acolhimento é desafiador, pela falta de pesquisas sobre o assunto e de estudo e ensino sobre a temática nos cursos de graduação docente. Entretanto, o maior obstáculo, por enquanto, é o reconhecimento de que esse movimento é necessário e fundamental para a qualidade da modalidade da EJA. Compreender isso é o primeiro passo nessa caminhada em busca do acolhimento dos estudantes jovens, adultos e idosos no meio escolar.

A questão principal proposta neste trabalho - como o acolhimento dos educandos da EJA pode estar presente no trabalho da instituição escolar? - pode ser respondida através de diferentes fontes: identificados autores e trabalhos que pensam o “acolhimento” e por meio de situações reais dentro de um contexto educacional da Educação de Jovens e Adultos que foram observadas e trazidas aqui nesta pesquisa. Dessa forma, tenho a esperança de que esse

trabalho seja impulsionador de novas questões e investigações a respeito do acolhimento dos educandos da Educação de Jovens e Adultos no meio escolar, de forma a incidir na qualidade da educação oferecida na modalidade da EJA.

É preciso buscar gerar o entendimento da importância de acolher os educandos no ambiente educacional - que pode ser hostil para muitas pessoas - e escolher planejar e proporcionar uma prática educativa que considere os educandos como merecedores de afeto, de uma relação dialógica e de ter um percurso educacional pensado para e a partir deles. Assim, estaremos mais próximos de tornar o ambiente educacional na modalidade da EJA em um ambiente seguro, de abrigo e de aprendizagens significativas através da intenção pedagógica de acolher os educandos dentro do espaço educacional.

8 REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Persona, 1979.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>. Acesso em: 14 set. 2022.

FISCHER, Maria Clara Bueno; SANTOS, Renato Farias dos. O acolhimento como diretriz político-pedagógica na Educação de Jovens e Adultos. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 2, p. 235-250, 2020.

BRAGA, Adriana Carvalho de Carvalho Alves. A escola pública e o acolhimento aos imigrantes na cidade de São Paulo: uma experiência na educação de jovens e adultos. **Cadernos de Pós-graduação**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 77-90, 2021.

CÂNDIDO, Maria Aparecida. **Acolhimento**: um contexto a ser discutido. Arquivo da EMEF Porto Alegre, CD-ROM, Porto Alegre, 2006.

COLASANTI, Marina. **Eu sei, mas não devia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

DANTAS, Aline Cristina de Lima; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Jane. Pensar o direito humano à educação. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, Tempe, v. 28, n. 110, 2020.

ACOLHIMENTO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/acolhimento/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

ESCOLA Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EMEF PORTO ALEGRE). **Projeto Político Pedagógico**. Porto Alegre, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. Reciprocidade e acolhimento na educação de jovens e adultos: ações intencionais na relação com o saber. **Educar**, Curitiba, n. 29, p. 101-119, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.

LIMA, Cícero Batista dos Santos. **A inclusão de jovens e adultos com necessidades específicas na EJA no Centro de Ensino Fundamental 201 de Santa Maria no Distrito Federal:** acolhimento e pertencimento. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MACHADO, Jeferson Ventura. **Educação de Jovens e Adultos: encantamento e permanência.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em educação de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MOLL, J.; SANTOS, S. V. Pela garantia do direito à educação: breves apontamentos sobre a Resolução 343/2018 do Conselho Estadual de Educação do RS. In: BAIRROS, Mariângela Silveira; MARCHAND, Patrícia (org.). **Ensino Médio:** desafios e contradições. Porto Alegre: Cirkula, 2022. p. 170-192.

NUNES, Josiane Ferreira. **A importância do afeto em sala de aula.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

OLIVEIRA, M. K. Jovens e adultos como sujeitos de aprendizagem. In: RIBEIRO, Vera Magalhães (org.). **Educação de Jovens e Adultos:** novos leitores, novas leituras. São Paulo: Ação Educativa, 2001.

PEREIRA, Maria Aparecida. **Docência na EJA:** o acolhimento como princípio educativo nas aulas de alfabetização do Núcleo de estudos da terceira idade - NETI/UFSC. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SANTOS, Renato Farias dos. **O acolhimento da população em situação de rua:** a experiência do Núcleo de Trabalho Educativo da EPA. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SILVA, Rodrigo Lages *et al.* Educação de Jovens e Adultos e acolhimento de imigrantes em Porto Alegre, Brasil: um relato de experiência com oficinas em aula plurilíngue. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 42, p. 161-175, 2018.

SOARES, Ivani. **Acolhida e permanência de egressas e egressos EJA-PROEJA no Ensino Superior:** auto(trans)formações possíveis. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão Educacional) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2002.

APÊNDICE A – TERMO DE CONCORDÂNCIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

PROGRAMA GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Termo de Concordância

Gostaríamos de solicitar sua autorização para a sua participação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**O acolhimento dos educandos como princípio político pedagógico da EJA**”, realizado pela pesquisadora Débora Pinto Sartori como requisito para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a orientação da professora Ana Cláudia Godinho.

O objetivo da pesquisa é identificar práticas de acolhimento dos educandos presentes na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. A coleta de dados será realizada por meio de observações das aulas e momentos de interação na escola com o intuito de identificar como o acolhimento dos educandos se faz presente ali.

A observação acontecerá da seguinte forma: as aulas ministradas pela docente serão observadas durante o período de observação do Estágio, se dado o seu consentimento, com o enfoque em identificar de que forma ocorre o acolhimento dos educandos em sala de aula. Além disso, momentos de interação entre os educandos dentro da escola também serão alvo de observação com o intuito de identificar o acolhimento no espaço escolar. A partir disso, serão feitos registros escritos pela pesquisadora em seu caderno de campo que, posteriormente, serão utilizados como dados a compor o Trabalho de Conclusão de Curso.

Após a conclusão da pesquisa, este material será guardado no arquivo pessoal da pesquisadora. O estudo preservará a identidade dos participantes e seu anonimato e as informações obtidas através da observação serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa. A coleta de dados consistirá na utilização das informações obtidas através do período de observação próprio do Estágio curricular obrigatório que foi previamente autorizado.

Esta pesquisa pretende colaborar com o enriquecimento das estratégias de ensino e de aprendizagem, visando à qualificação da Educação de maneira geral e, em específico, da Educação de Jovens e Adultos pensando em como práticas que promovam o acolhimento dos sujeitos da EJA podem auxiliar na oferta de uma educação de qualidade.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Assinatura do(a) Pesquisador(a)
Endereço: Av. Paulo Gama, s/n, Faculdade de Educação - Prédio 12201 – Porto Alegre/RS

Telefone: 51 – 3222 – 3884 /

Contatos da pesquisadora – e-mail: deborapsartori@gmail.com / Telefone: (51)991462733

Eu,
declaro que fui devidamente esclarecido e concordo com minha participação na pesquisa acima descrita, assim como autorizo a realização de observações e a utilização destas para os fins propostos no projeto.

Assinatura do sujeito de pesquisa

Documento de Identificação do sujeito de pesquisa

Data
